

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Bruno Figueredo Viegas

Sociologia Digital: O uso de métodos digitais na prática sociológica e o contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis

2022

Bruno Figueredo Viegas

Sociologia Digital: O uso de métodos digitais na prática sociológica e o contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Amurabi Pereira de Oliveira, Dr.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Viegas, Bruno Figueredo

Sociologia Digital: : O uso de métodos digitais na prática sociológica e o contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina / Bruno Figueredo Viegas ; orientador, Amurabi Oliveira, 2022.

71 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Sociologia digital. 3. Métodos digitais. 4. Pesquisa social. 5. Métodos computacionais. I. Oliveira, Amurabi. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Bruno Figueredo Viegas

Sociologia Digital: O uso de métodos digitais na prática sociológica e o contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais

Florianópolis, 25 de novembro de 2022.

Prof. Rodrigo da Rosa Bordignon, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Amurabi Pereira de Oliveira, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Vilar Bonaldi, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Antônio Alberto Brunetta, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que lutam por uma educação pública e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais e a minha irmã por todo o amor e apoio que sempre tive, independentemente do desafio enfrentado ou do caminho escolhido, amo vocês incondicionalmente.

A meus avós, que me inspiram e representam, ao mesmo tempo, tudo o que eu sou e tudo o que eu busco ser.

Ao meu melhor amigo Khymn, por estar presente nos piores e melhores momentos de minha caminhada e servir de base, principalmente nos dias nebulosos.

A minha companheira Juliana, que com amor me transforma, com carinho me acolhe e com paciência me aguenta.

Aos(s) grandes e eternos(as) amigos(as) que fiz durante todos esses anos de curso, pelas trocas e vivências proporcionadas.

Por fim, não posso deixar de agradecer à Universidade Federal de Santa Catarina, que apesar de todos os percalços e desafios, através de seus professores, funcionários técnicos-administrativos e colegas, moldaram e proporcionaram cada passo dessa incrível caminhada.

Alexander Adell e Bertram Lupov eram dois dos fiéis assistentes de Multivac. Eles conheciam melhor do que qualquer outro ser humano o que se passava por trás das milhas e milhas da carcaça luminosa, fria e ruidosa daquele gigantesco computador. Ainda assim, os dois homens tinham apenas uma vaga noção do plano geral de circuitos que há muito haviam crescido além do ponto em que um humano solitário poderia sequer tentar entender. (Isaac Asimov, 1956)

RESUMO

A presença das tecnologias digitais em nosso cotidiano transformou as relações sociais de maneira tão profunda que atualmente o funcionamento da própria sociedade está diretamente relacionado ao uso de tais tecnologias. Por conseguinte, inevitavelmente a ciência e todas as áreas de pesquisa e ensino sofreram impacto significativo, sendo necessário, deste modo, refletir sobre as possíveis mudanças metodológicas e epistemológicas, provocadas por este novo cenário. É com o objetivo de estimular tais reflexões que a Sociologia Digital emerge enquanto subárea da sociologia, promovendo questões profundas sobre as novas possibilidades na prática sociológica, como por exemplo, o uso de métodos digitais na práxis da pesquisa social. É, portanto, com as novas oportunidades surgidas a partir do digital que devem ser pensadas as materialidades pedagógicas, sendo cada vez mais necessário agregar a tecnologia no âmbito do desenvolvimento laboral e educativo com o uso de tecnologias digitais em pesquisa no decorrer da formação acadêmica, e ainda, o ingresso da Sociologia Digital nas matrizes curriculares dos cursos de graduação de Ciências Sociais, dada a urgente necessidade de preparar os estudantes para serem reflexivos em relação à tecnologia, já que fomentar tais discussões, sem dúvida, é uma das tarefas fundamentais da Sociologia Digital no contexto do ensino. Mas a pergunta que surge neste momento é: isto está ocorrendo? A partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas junto a estudantes do mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que tiveram contato com métodos digitais, o presente trabalho busca compreender se os pesquisadores dominam e fazem uso desses métodos em suas atuais linhas de pesquisa e, ainda, se a aquisição de tais competências aconteceu dentro ou fora dos muros acadêmicos. Como resultado, de acordo com os pesquisadores entrevistados evidenciou-se uma ausência de discussões que envolvam o digital dentro do PPGSP e um contato superficial dos pesquisadores com o uso de métodos digitais em pesquisa social, cujo contato se deu fora do programa de pós-graduação.

Palavras-chave: Sociologia Digital; Métodos Digitais; Métodos Computacionais; Pesquisa Social.

ABSTRACT

The presence of digital technologies in our daily lives has transformed social relationships in such a profound way that currently the functioning of the technologies themselves is directly related to the use of such technologies. For all areas of research and important in this way important, being considered all possible, by all important and by important stems, being all possible methodological, and this way significant as all possible, being considered by this important and all its consequences. It is with the aim of stimulating such questions that Digital Sociology emerges as a subfield of sociology, promoting questions about the new possibilities in sociological practice, such as the use of digital methods in the praxis of social research. It is, therefore, with the new opportunities arising from the digital that they must be thought of as pedagogical materialities, being increasingly necessary to add technology in the scope of work and educational development with the use of digital technologies in research during the academic training, and yet, the inclusion of Digital Sociology in the curricular matrices of urgent courses in Social Sciences, given the need to prepare students to be reflective in relation to technology, since fostering such is undoubtedly one of the fundamental tasks of Digital Sociology. in the context of teaching. But the question is now: is this close? Based on semi-structured interviews carried out with master's and doctoral students from the Graduate Program in Sociology and Political Science at the Federal University of Santa Catarina who had contact with digital methods, this article seeks to understand whether researchers dominate and make use of these methods still in their lines of research and, inside or outside the walls of exercises performed. As a result, according to the researchers interviewed, there was an absence of discussions involving digital within the PPGSP and a superficial contact of researchers with the use of digital methods in social research, whose contact took place outside the graduate program.

Keywords: Digital Sociology; Digital Methods; Computational Methods; Social Research.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Áreas de atuação da Sociologia Digital.....	31
Quadro 2 – Aspectos do digital na sociologia.....	32
Quadro 3 – Gerações dos estudos que utilizam métodos e/ou dados digitais nas ciências humanas e sociais.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API Application Programming Interface

PPGSP Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política

TICs Tecnologias da Informação e Comunicação

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 DO ANALÓGICO AO DIGITAL.....	18
2.1. O QUE É O DIGITAL?.....	21
2.2. POR QUE UMA SOCIOLOGIA DIGITAL?	28
3 A PRÁTICA SOCIOLÓGICA NO SÉCULO XXI	37
3.2. MATERIALIDADES PEDAGÓGICAS.....	49
4 CONTEXTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA (PPGSP).....	54
4.1. MÉTODO DE PESQUISA.....	55
4.1.1. Entrevista 1	56
4.1.2. Entrevista 2	57
4.1.3. Entrevista 3	59
4.1.4. Entrevista 4	60
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	62
6 Considerações finais	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com pesquisadores do PPGSP da UFSC	72
APÊNDICE B – Termo de autorização para gravação.....	73

1 INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais em nosso cotidiano transformou as relações sociais de maneira tão profunda que atualmente o funcionamento da própria sociedade está diretamente relacionado ao uso de tais tecnologias, cujas implicações já não podem mais ser compreendidas em separado. A transformação de nossa experiência no tempo e no espaço trouxe mudanças significativas que ainda carecem de análises aprofundadas ao passo que também estabelecem novas estruturas e relações, tendo como eixo central o desenvolvimento tecnológico.

Neste novo cenário, é evidente que todas as áreas do conhecimento foram impactadas e influenciadas por novos modos de fazer ciência. Com a sociologia não foi diferente. De acordo com a interpretação de alguns autores (WYNN, 2009; LUPTON, 2015), inclusive, estaríamos ingressando em uma nova era do modo de fazer sociologia, na qual os desafios metodológicos e epistemológicos ainda necessitam de uma maior reflexão, sendo necessário propor novas formas de abordar fenômenos, com o auxílio de novos métodos e ferramentas.

É justamente com o objetivo de estimular tais reflexões que a Sociologia Digital emerge enquanto subárea da sociologia, não apenas para compreender os impactos das novas tecnologias no mundo social, mas também para questionar o papel do sociólogo diante de tal realidade, desenvolvendo abordagem teórica distinta, que levanta questões no que diz respeito à natureza da pesquisa social na era digital (LUPTON, 2019). Nesse sentido, embora o estudo das tecnologias tenha sido uma preocupação recorrente da Sociologia nas últimas décadas através de diversas mudanças terminológicas, é justamente no uso do termo “digital” que reside a novidade que justifica o surgimento da Sociologia Digital, enquanto campo de pesquisa.

O digital, neste novo contexto, não é puramente uma definição técnica, mas uma característica substancial da sociedade contemporânea, que é marcada pela conexão por meio de tecnologias comunicacionais que se definem como digitais, envolvendo o suporte material de equipamentos (smartphones, notebooks, wearables), diferentes tipos de rede de acesso (banda larga móvel ou fixa), plataformas online (Twitter, Facebook, Youtube) e conteúdos compartilháveis (notícias, músicas, fotos) (MISKOLCI, 2017). Deste modo, pode-se afirmar que atualmente entendemos o digital como algo inerente ao mundo social, já que ele compõe e articula praticamente todas as atividades de nosso cotidiano. Aos poucos, produzimos, consumimos e compartilhamos um volume cada vez maior de dados digitais, fazendo com

que toda uma economia de dados se desenvolva, baseada em técnicas de coleta computacionais para fins comerciais. Em suma, o que diferenciaria o digital das tecnologias anteriores, portanto, é sua capacidade de armazenar, monitorar e analisar informações sobre a vida social (MARRES, 2017). Atualmente, diversas agências, organizações governamentais e corporações usam dados digitais como parte central de suas operações. Esse movimento implica na mercantilização das atividades sociais, no qual reivindica-se, de maneira unilateral, a experiência humana como matéria prima gratuita, sejam elas vozes, escolhas, personalidades ou emoções. Se antes era o trabalho físico dos trabalhadores que produzia mais valia, na era digital é o trabalho intelectual das massas que tem valor monetário (LUPTON, 2019).

Diante desta avalanche de dados e do imenso volume informacional que passou a ser transacionado diariamente na rede, termos como “Big Data”¹ tornaram-se comuns em nosso cotidiano. Em 16 de julho de 2009, a revista estadunidense Wired, lançou um artigo² no qual enfatizava como a chegada do Big Data alterava nossa capacidade de capturar, armazenar e compreender quantidades massivas de dados fazendo crescer a oportunidade de encontrarmos respostas para questões fundamentais e em tom polêmico e sensacionalista afirmava: “Esqueça qualquer teoria do comportamento humano, da linguística à sociologia. Esqueça a taxonomia, a ontologia, e a psicologia. (...) Com dados suficientes, os números falam por si”³ (ANDERSON, 2009). A afirmação é ousada, mas de acordo com o sociólogo James Witte (2012), a menos que os sociólogos tenham disposição e desenvolvam competências para questionar sociologicamente a crescente onda de dados digitais, corremos o risco não só de ser soterrados por esses dados, como também de perder o controle das categorias em torno das quais tais dados são organizados e coletados.

Tal disponibilidade de dados exige, portanto, uma forma específica de análise que se diferencia das clássicas formas de pesquisa amostral. São dados que exigem uma expertise específica e que, através de mecanismos computacionais, geram uma capacidade de informação e análise singulares. Essa situação permite uma capacidade informacional de previsão e de

1 Big Data refere-se a um conjunto de dados cujo tamanho está além da capacidade de ferramentas de softwares de banco de dados típicas de capturar, armazenar, gerenciar e analisar. Uma vez que a definição de qual tamanho necessário para que um conjunto de dados seja considerado “Big Data” não é estabelecida, a conceituação é subjetiva e assim não se deve defini-lo em termos de ser maior que um determinado número de terabytes (milhões de gigabytes). Apesar da incerteza sobre a data e autoria, existe o consenso de que o uso do termo no contexto digital surgiu na década de 1990 (MANYIKA, 2011).

2 Disponível em: <<https://www.wired.com/2008/06/pb-theory/>>. Acesso em 10 set, 2022

3 Texto original: “Out with every theory of human behavior, from linguistics to sociology. Forget taxonomy, ontology, and psychology (...). With enough data, the numbers speak for themselves.”

intervenção que não se tinha antes. Podem estar surgindo métodos que alavancam a capacidade de coletar e analisar dados em larga escala e que podem revelar padrões inéditos de comportamento individual e de grupo (LAZER, 2009).

Por outro lado, no entanto, é necessário mencionar que a utilização de métodos informacionais em pesquisa não pode ser considerada como algo novo na Sociologia. O uso de computadores, bancos de dados e softwares para pesquisa têm registro desde a década de 1960, quando o surgimento do software SPSS (Statistical Package for Social Sciences), possibilitou o auxílio a pesquisa e a análise de dados de maneira automatizada (BALTAR, R.; BALTAR, C., 2010), abrindo caminho para diversos softwares com variadas funções que surgiram depois e até hoje auxiliam pesquisas com grande volume de dados.

É necessário pontuar, no entanto, que o contexto no qual tais softwares foram criados, era muito diferente do que hoje conhecemos como era digital. Isto, porque o processo de digitalização que culminou na “dataficação” do mundo social converteu qualquer ação em dados digitais rastreáveis, ampliando os horizontes e as possibilidades de compreensão da realidade social, pondo em evidência a necessidade da utilização de métodos e técnicas mais eficazes de pesquisa, sendo necessário, para isto, que os sociólogos dominem novas ferramentas, buscando compreender, ainda, como se constituem e quais as limitações e implicações destas novas formas de abordagem.

Seria, portanto, a partir dos desafios trazidos por essa nova era que devem ser pensadas as materialidades pedagógicas, com a introdução do uso de tecnologias digitais no ensino sociológico, sendo, neste contexto, fundamental o ingresso da Sociologia Digital nas matrizes curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação de Ciências Sociais, dada a urgente necessidade de preparar os estudantes para serem reflexivos em relação à tecnologia (WYNN, 2009). Com as novas oportunidades surgidas a partir do digital, cada vez será mais necessário agregar a tecnologia no âmbito do desenvolvimento laboral e educativo, aos poucos integrando os métodos digitais à prática sociológica, e, fomentar essas discussões, sem dúvida, é uma das tarefas fundamentais da Sociologia Digital no contexto do ensino, mas a pergunta que surge neste momento é: isto está ocorrendo? Os sociólogos em formação estão sendo preparados para analisar e interpretar os novos fenômenos surgidos na era digital? Os futuros pesquisadores sociais estão discutindo e refletindo sobre como algoritmos, dispositivos e plataformas digitais atualmente mediam as relações sociais? As atuais linhas de pesquisa acadêmica em sociologia exigem que os estudantes desenvolvam habilidades no uso de métodos digitais ou as questões

relacionadas a uma renovação metodológica, levantadas pela Sociologia Digital, devem ser tratadas como um modismo passageiro que não perdurará?

Com o objetivo de compreender se os pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) que já tiveram algum contato com métodos digitais, dominam e fazem uso desses métodos em suas atuais linhas de pesquisa e, ainda, se a aquisição de tais competências aconteceu dentro ou fora dos muros acadêmicos, o presente trabalho está organizado e dividido em quatro etapas. Num primeiro momento pretende-se demonstrar como os fenômenos da digitalização e da “dataficação” impactam a vida cotidiana e alteram significativamente a forma de interpretar o mundo social. Na segunda etapa, a partir de uma extensa revisão bibliográfica, irei apresentar a Sociologia Digital, enquanto disciplina emergente, bem como trazer as ideias e conceitos dos principais autores desta área. Posteriormente, na terceira etapa, serão apresentados os conceitos e as possíveis abordagens trazidas pelo uso de métodos digitais aplicados em pesquisa social, surgidas neste novo cenário. E, por fim, será analisado, a partir da realização de 04 (quatro) entrevistas semiestruturadas, se no contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)⁴ da Universidade Federal de Santa Catarina, os pesquisadores de mestrado e doutorado dominam e fazem uso de métodos digitais em suas atuais linhas de pesquisa e, também, se a aquisição de tais competências aconteceu dentro ou fora dos muros acadêmicos.

2 DO ANALÓGICO AO DIGITAL

No final da década de 1990, com o advento da web 2.0⁵, a expansão comercial e a apropriação social dos computadores tornaram-se realidade, ao passo de que o desenvolvimento

⁴ A escolha pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina se deu pelo fato de que tanto a UFSC quanto o PPGSP versam em seus regimentos quanto ao compromisso com a inovação para o exercício da pesquisa e da formação científica qualificada. Tendo em vista que a UFSC é considerada uma das melhores universidades do Brasil e da América Latina, sendo, portanto, referência em pesquisa e ensino, não restam dúvidas quanto à sua relevância acadêmica a nível internacional.

⁵ Os estudos relacionados a internet se dividem em três momentos distintos, que são denominados web 1.0, web 2.0 e web 3.0. Na primeira fase, denominada web 1.0, cuja consolidação se deu na década de 1990, os usuários não produziam conteúdo o que resultava em uma sociabilidade restrita às interações em plataformas de e-mail, salas de bate-papo e acesso a sites cujos conteúdos eram apresentados de maneira verticalizada, independente dos anseios de seus usuários. Já nos anos 2000, na chamada web 2.0, os antigos provedores já haviam se convertido em plataformas interativas, proporcionando a produção e compartilhamento de páginas individuais

tecnológico de meios físicos e mecânicos à meios eletrônicos e em seguida a integração das telecomunicações com o computador, fez com que atingíssemos o ponto de virada do analógico para o digital (MORENO, 2013), ou seja, a transformação da fita-cassete em serviço de streaming.

A partir de uma definição técnica, Gimenes e Hur (2020) destacam que os equipamentos analógicos produziam representações físicas como medida de comparação através de “analogias”, como por exemplo os ponteiros de um relógio que representavam o passar do tempo. A tecnologia digital, entretanto, é diferente pois essas representações são convertidas em informações e transformadas em números (dígitos), sem a necessidade de ponteiros e mostradores analógicos, o que garante uma leitura instantânea, através de um processamento mais ágil. Para os autores, a principal mudança trazida pelo digital em relação ao analógico é o fato de que as coisas passaram a ser processadas por procedimentos estatísticos e probabilísticos que podem ser mensurados (GIMENES; HUR, 2020).

Nesse sentido, podemos afirmar que a passagem do analógico para o digital constitui o substrato tecnológico sobre o qual se sedimentaram todos os outros desenvolvimentos ao nível da computação, microelectrónica e telecomunicações e isso está na base da evolução das tecnologias de informação e comunicação tal como as conhecemos (CASTELLS, 2011). De acordo com Moreno (2013), o digital possui duas características que foram fundamentais para sua popularização em produzir, gerar, transmitir e arquivar informações:

Em primeiro lugar é numérica, de onde resulta a própria designação “digital”. Em segundo lugar - e ainda mais importante - é binária. Ou seja, é composta pela conjugação complexa de apenas dois sinais: o “0” e o “1”. O que isto significa é toda a linguagem digital se expressa numa relação lógica “on-off”, “true-false” ou “yes-no”. Um determinado circuito está aberto ou fechado. Não existe meio-termo na linguagem binária e é por esse facto que ela se adequa ao funcionamento das máquinas de calcular sofisticadas que hoje conhecemos pelo nome de computadores. (MORENO, 2013, p. 116).

É, portanto, na simplicidade da relação entre “0” e “1” que reside a alta fidelidade associada ao termo “digital”. Ao ser reduzido à unidade mais elementar, sem margens para interpretação, o código binário não perde informação e não permite ruídos na comunicação. Apesar da introdução de dígitos cada vez mais longos, há sempre a possibilidade de

de conteúdo, que aliados a popularização dos computadores, intensificou a sociabilidade e o uso da internet. No decorrer das últimas duas décadas, portanto, estaríamos vivenciando a transição para a terceira fase, denominada web 3.0, também conhecida como “Web Semântica”, na qual toda a informação disponível é organizada de modo compreensível, não apenas para humanos, mas também para as máquinas (FACIOLI; PADILHA, 2018).

decomposição de suas unidades básicas constitutivas. Essa capacidade de combinar a simplicidade da unidade de base de constituição do código com a complexidade de infinitas variações possíveis é justamente uma das maiores vantagens da codificação digital em relação à codificação analógica da informação (MORENO, 2013).

Devido à suas vantagens informacionais e comunicacionais, portanto, o digital proporcionou uma transformação em nossa cultura material, que passou a ser organizada de maneira diferente. As redes sociais, por exemplo, possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários, que leiam notícias, opinem, reivindiquem, participem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente de maneiras completamente novas. Para Castells (2008), “as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes”. Assim, para este autor, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), enquanto modo de desenvolvimento, impulsionam uma nova estrutura social, que se manifesta sob várias formas, de acordo com a diversidade de culturas e instituições, historicamente moldada, sob a ótica do capitalismo informacional (CASTELLS, 2008).

Miller e Horst (2015) sustentam que a codificação binária simplificou consideravelmente os processos de convergências entre conteúdos e tecnologias que antes eram díspares. Para os autores, tal simplificação possibilitou que o digital se tornasse parte da materialidade da vida humana e, cada vez mais, parte constitutiva daquilo que nos torna humanos. Em outras palavras, embora sejam digitalmente mediadas, as relações estabelecidas em rede se produzem, sobretudo, em torno de nossas vidas cotidianas.

Em direção semelhante, a socióloga Deborah Lupton (2015) afirma que atualmente estamos vivendo em uma sociedade digital⁶ na qual não podemos ignorar o fato de que o uso de softwares e hardwares, não apenas sustenta, mas constituem ativamente a individualidade, a incorporação, a vida, as instituições e as relações sociais. Deste modo, assim como compreender nossas interações com as tecnologias digitais contribui para a natureza da experiência humana, também nos diz muito sobre o mundo social.

⁶ A sociedade digital nasce quando as tecnologias digitais se tornam centrais em nosso cotidiano, período no qual a informação se tornou uma ferramenta de fácil acesso e essencial para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Os principais motores da sociedade de comunicação são as tecnologias de informação e comunicação (TICs), que resultaram em uma explosão da variedade da informação e de alguma forma estão mudando todos os aspectos da organização social.

Complementarmente, a socióloga Noortje Marres (2017) defende que se o digital permeia nossas vidas, então, as práticas *online* não podem ser explicadas sem as práticas *offline*, enquanto as práticas *offline* não podem ser explicadas sem as práticas *online*. Assim, para que possamos compreender como se organizam as relações sociais e quais são as novas crenças e valores que nos orientam e que marcam nossa experiência histórica e social, é fundamental nos questionarmos, sobretudo, sobre qual seria o significado de “digital” em nosso tempo.

2.1. O QUE É O DIGITAL?

O ambiente é soturno, uma sala escura, paredes pintadas de azul marinho e prateado. O ar é artificial, beirando sempre os 20° C temperados pelo enorme ar-condicionado interno. A luz apagada e o brilho hipnótico dos monitores ilumina os rostos absortos. (...) A escuridão da sala incomodava-me, embora me desse uma sensação de privacidade que logo foi quebrada pela quantidade de transeuntes por detrás de minha cadeira, falantes e observadores das telas. Os gritos e xingamentos entre os jovens que jogavam games, impediam que me concentrasse nos meus afazeres digitais. (...) (A *lan house*) viabiliza a participação dos sujeitos em dois planos de realidade, o *offline* (desconectado da Internet, a vida cotidiana) e o *online* (a vida “virtual” conectada na rede mundial). A metáfora do teatro de Goffman (1985), a qual supõe o desempenho de diversos papéis de acordo com interações específicas, expande-se, porque o “palco” de tais desempenhos é estendido para um mundo virtual, onde o self tem possibilidade de experimentar relações diferenciadas das do mundo corpóreo *offline*. (PEREIRA, 2007, p. 372).

A citação acima foi retirada de uma etnografia produzida pela antropóloga Vanessa Andrade Pereira (2007), no qual a autora descreve o cotidiano de uma *lan house*⁷, a partir de uma pesquisa de campo realizada no início dos anos 2000. A partir da detalhada descrição e da interpretação dada pela autora, podemos compreender a *lan house*, neste contexto, como uma espécie de “elo” entre os mundos *online* e *offline*, ao passo de que reunia duas realidades distintas em um mesmo local, por serem o principal ponto de encontro de jovens que desejavam jogar games em rede a mais ou menos duas décadas. Essa separação entre a realidade material e o mundo virtual relatada pela autora, ou seja, a ideia de dois ambientes apartados, constituía a base do conceito criado por Piérre Levy, denominado “ciberespaço” (LÉVY, 1999), que foi considerada a interpretação hegemônica para descrever o circuito de ideias, práticas,

⁷ As *lan houses* são estabelecimentos comerciais onde os usuários pagam para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online.

representações e ações que estão marcados pela interação digitalmente mediada, na década de 1990:

(...) o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. **Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual.** (LÉVY, 1999, p. 92, grifo nosso).

Para Levy (1999), nesse “espaço virtual” não se aplicavam os limites físicos aos quais estamos sujeitos no mundo concreto e presente, sendo este “local”, portanto, um espaço imaginário e transacional, marcado pela “descorporificação”, cuja experiência humana é diferente daquela do mundo presente, o que acaba por gerar novos modos de conduta e de interação social, que só seriam possíveis no próprio ciberespaço.

Com o passar do tempo, no entanto, percebeu-se que tal interpretação possuía aspectos limitados ao enfatizar as tecnologias em relação aos enquadramentos socioculturais dos relacionamentos que também influenciam decisivamente nos usos das tecnologias digitais (MISKOLCI, 2018), fazendo com que essa separação entre “*online*” e “*offline*”, “conectado” e “desconectado” ou “mundo digital” e “mundo real”, entendidos como dois lugares diferentes, não fosse mais suficiente para descrever nossa realidade, como nos mostra Jurgenson (2012):

A tendência a vê-los como espaços distintos, o que eu chamo de ‘dualismo digital’, é errônea. Em lugar disso, sustento que o digital e o físico se entrelaçam para formar uma ‘realidade aumentada’ (...) O online e o offline não são esferas separadas e, portanto, não resultam em soma zero⁸. (JURGENSON, 2012, p. 83).

Nesse novo contexto, o digital tem se estendido a tal ponto, que estar no mundo, para um grande número de pessoas, envolve a contínua negociação de diferentes fluxos midiáticos, através do gerenciamento de diferentes formas de participação em cada um deles, de forma que o mais relevante não é o fato de o mundo ser construído através das mídias digitais, mas sim considerarmos que o digital, o social, o político, o econômico e o cultural, já não são mais separáveis (McQUIRE, 2011).

⁸ Texto original: “This is opposed to the view shared by both conceptual positions outlined above that views the digital and physical as separate spheres—what I have called “digital dualism” (...) The online and offline are not separate spheres and are thus not zero-sum.”

Atualmente, o digital é uma característica inerente ao mundo social, já que ele também constitui e configura a vida cotidiana. Estamos cada vez mais consumindo, criando e compartilhando dados digitais de tal maneira que causa estranheza às novas gerações o fato de smartphones, tablets e notebooks não existirem ou serem pouco acessíveis há pouco tempo atrás. A modernização do aparato de produção e consumo e a expansão das telecomunicações ocasionada pela popularização dos celulares (MISOKLICI, 2017), proporcionaram que o digital fosse incorporado ao mundo social de maneira ubíqua⁹ (BOULLIER, 2016). Se antes os novos modos de conduta e interação social só eram possíveis no ciberespaço, agora estas mudanças ocorrem em uma única realidade, o mundo social.

Neste mesmo caminho, Nascimento (2020) afirma que o digital, em nossa sociedade, diz respeito aos aspectos sociais e culturais que guardam relações com os distintos e multifacetados dispositivos digitais presentes na vida social. Estaríamos em meio a dois fenômenos que o autor denomina como “digitalização do eu na vida cotidiana” e “algoritimização dos processos sociais” (NASCIMENTO, 2020). Nesse sentido, não haveria, atualmente, praticamente nenhum segmento social que não tenha se apropriado do digital em nossa sociedade. Para o autor, o termo “digital” ainda carece de uma definição uníssona, sendo que, diversos pesquisadores que têm se dedicado ao estudo de fenômenos digitais ainda se esforçam para adjetivar esta característica que é, simultaneamente, geral (pois afeta todos os campos da sociedade) e revolucionária (no sentido de não conseguirmos retornar ao estado social anterior ao seu surgimento) (NASCIMENTO, 2020).

Marres (2017), por exemplo, ressalta que pelo fato de o digital atravessar o mundo social de maneira “irredutível”, podemos tentar compreendê-lo a partir do conceito de “fato social total”, elaborado pelo antropólogo Marcel Mauss em seu livro “Ensaio sobre a dádiva”, no qual o autor versa sobre os métodos de troca em diversas sociedades antigas, já que para Marres (2017), o “digital” inaugura uma nova ontologia, podendo ser entendido como uma arquitetura emergente da vida social que possui capacidade de transformar os modos de ser, através de novas e diferentes formas de experimentar o mundo social.

⁹ O termo “computação ubíqua”, também conhecido como UbiComp (Ubiquitous Computing), foi idealizado pelo pesquisador e cientista Mark Weiser (1991) e refere-se ao avanço da tecnologia ao ponto de estar onipresente no cotidiano e de forma mais transparente possível. Alguns termos permeiam a definição da Computação Ubíqua, como a computação pervasiva e a computação móvel. De acordo com Benyon (2011), a computação pervasiva é sinônimo da computação ubíqua e ambas prenunciam o dia em que as tecnologias de computação e comunicação irão desaparecer e integrar-se à trama do mundo, onde trama são os objetos que usamos ou vestimos (LOPES, 2017).

Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. **Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas** – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (MAUSS, 2003, p. 187, grifo nosso).

Assim, em termos sociológicos, podemos constatar que o digital deve ser entendido como um conjunto de práticas sociais específicas que articulam usuários e dispositivos em ações que atravessam a vida social, portanto, ao falarmos em digital, em nosso tempo, não nos referimos especificamente aos dígitos, ou seja, não se trata de uma definição técnica em sentido estrito, mas sim ao atual aspecto sociotécnico dessas relações híbridas entre humanos e não humanos (FACIOLI; PADILHA, 2018).

Para Miskolci (2017), o que define nossa era é justamente a conexão em rede por meios tecnológicos, de maneira que o digital se opõe ao analógico, enfatizando o aprimoramento técnico, enquanto a conexão em rede por meios comunicacionais, baseados em plataformas, arquiteta a maneira como se constroem as relações sociais. Para o autor, o digital é uma característica substancial da sociedade contemporânea, marcada pela conexão por meio de tecnologias comunicacionais que se definem como digitais, envolvendo o suporte material de equipamentos (como smartphones, notebooks, *wearables*), diferentes tipos de rede de acesso (banda larga móvel ou fixa), plataformas online (Twitter, Facebook, Youtube) e conteúdos compartilháveis (notícias, músicas, fotos, etc) (MILKOLCI, 2017). Desta maneira, quando nos referimos a mídias digitais tendemos a compreender as transformações tecnológica e social como um mesmo processo histórico ainda em consolidação, na qual uma sociedade baseada em relações face a face torna-se uma sociedade onde as relações mediadas pela conectividade ganham maior importância, mesmo que não substituam as relações presenciais (MISKOLCI, 2017). Neste contexto, tecnologia e social, não podem ser entendidas como esferas separadas que se influenciam, pois ambas são mutuamente constitutivas (MACKENZIE; WAJCMAN, 1999).

Assim, podemos afirmar que o digital expandiu e fez emergir a evolução que possibilitou a transmissão de informações de maneira instantânea e ampla, fazendo do usuário um agente interativo (LUPTON, 2019). O usuário, portanto, não só passou a ter um acesso

maior a informação como também pode participar dela diretamente, opinando e interagindo ao mesmo tempo em que a recebe. Neste sentido, ressalta-se que não se trata apenas de olhar para o mundo de forma diferente, através das ferramentas e das mídias digitais, mas também de entender como o próprio mundo social vem sendo transformado digitalmente, ao incluir os modos de conceber a própria sociedade. Para Lupton (2019), nesta sociedade digital, a própria experiência em si tem se tornado “tecnologizada” e “mediatizada”, sendo que

Usuários de mídia digital são cada vez mais observadores e documentadores de suas próprias vidas, ao mesmo tempo consumindo e criando dados digitais. Esse fenômeno tem sido rotulado de ‘prosumption’ (RITZER et al., 2012) para denotar a natureza dual do uso da mídia digital e o importante papel de criar conteúdo agora realizado por aqueles que uma vez eram usuários passivos das tecnologias da Web 1.0. (...) a disseminação da mídia digital, nas várias avenidas da vida cotidiana, é tão extensa que nós não devemos mais falar sobre viver “com a mídia”, mas, ao invés disso, “na mídia”. (LUPTON, 2019, p. 138).

Nesse contexto, o termo “*prosumption*” remete a junção das palavras produtor e consumidor, em inglês, que correspondem ao perfil dos usuários no novo contexto digital, enfatizando que se trata de um público que não apenas consome o que é produzido, mas também está ativamente dedicado a produzir conteúdos diversos (BERROCAL et al., 2014). Os usuários, portanto, estão imersos em um contexto de mercado mediado pelo digital, através de relações de produção e consumo, que extraem lucros da geração e gerenciamento de dados que são capitalizados por meio de publicidade (FACIOLI; PADILHA, 2018). Nesse sentido, para Lupton (2019):

Nos últimos anos, muitos/as sociólogos/as têm argumentado que as mídias digitais têm mudado a forma em que o valor econômico é produzido, e distribuído, e as commodities conceitualizadas (BEER, 2013; BURROWS, 2009; FEATUERSTONE, 2009; LASH, 2007). Uma economia de dados digitais tem se desenvolvido, baseado em técnicas de coleta (‘raspagem’ ou ‘mineração de dados’) de dados digitais para fins comerciais. Muitas agências e organizações governamentais e comerciais agora usam dados digitais como parte de suas operações. (...), constituindo uma nova economia do saber em que o pensamento tem se tornado reificado, público e mercantilizado (THRIFT, 2005, 2006). (LUPTON, 2019, p. 139).

O crescente processo de digitalização e de conectividade tornaram possível o armazenamento de uma grande quantidade de dados que, com a redução e simplificação da sua dimensionalidade, criou um momento informacional novo sobre a realidade social. Oriundo do processo de “digitalização”, o fenômeno da “dataficação” possibilitou que toda interação seja passível de registro, gerando dados sobre quase todas as áreas da atividade humana.

A fase de digitalização da cultura digital, iniciada na segunda metade do século 20, está atualmente sendo absorvida pela dataficação. Essa é um processo de tradução da vida em dados digitais rastreáveis, quantificáveis, analisáveis, performativos. Mesmo que processos de digitalização continuem a acontecer (criar um website, quantificar o número de passos de uma pessoa por dia, transformar um livro impresso em e-book, entre outros), eles estão inseridos em procedimentos algoritmos mais amplos de tratamento e captação de dados (Big Data, machine learning). A dataficação possibilita a conversão de toda e qualquer ação em dados digitais rastreáveis, produzindo diagnósticos e inferências nos mais diversos domínios. (LEMOS, 2021, p. 193).

Assim, cabe ressaltar que ao contrário da digitalização, o processo de dataficação não corresponde apenas a conversão de um objeto analógico em digital, mas na modificação de ações, comportamentos e conhecimentos com base na performance dos dados elaborada por sistemas altamente complexos de inteligência algorítmica que deve ser pensada como um conjunto de métodos de coleta, processamento e tratamento de dados, sejam eles demográficos, perfis socioeconômicos ou ainda, metadados comportamentais (LEMOS, 2021).

Dada a pervasividade dos dispositivos digitais em nossas vidas, parece ser cada vez mais fácil que a economia do saber se constitua, já que, atualmente, traços digitais são deixados pelos usuários em cada simples ação do mundo social, como o uso de aplicativos que podem ser utilizado para qualquer atividade cotidiana, gerando dados do usuário relacionados ao tipo de música mais escutado, ao caminho percorrido do trabalho até a casa, ao gasto calórico em atividades físicas, ao restaurante preferido, dentre outras centenas de milhares de possibilidades. Tais “traços”, são interpretados e analisados por processadores capazes de realizar cálculos extremamente complexos em poucos segundos. Assim, “na mídia digital, todos os dados – sejam eles sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento – são, na verdade, sequências numéricas” (LUPTON, 2019). Nesse sentido, portanto, o que diferencia o digital das tecnologias anteriores, em grande parte, é justamente a sua capacidade de monitorar e analisar informações sobre a vida social (MARRES, 2017).

A mediação da vida cotidiana pelo digital, portanto, altera profundamente as relações de poder, tendo impacto profundo principalmente nos modos de informar e comunicar, através de uma rede complexa que incorpora detalhadamente os anseios de seus usuários, com técnicas eficazes de coleta de informação e vigilância (ZUBBOFF, 2019). Embora na era analógica possamos considerar que as velhas mídias, como a televisão e os jornais, sempre tenham exercido poder sobre o conteúdo que disseminavam, ao observarmos o que ocorre na era digital,

não há sequer comparação da quantidade de informações das quais dispõem as atuais mídias digitais acerca de seus públicos, em nossos dias. O poder, neste novo contexto, torna-se produtivo, vitalista, imanente às formas de vida e de conhecimento, e, portanto, invisível e naturalizado (LUPTON, 2019).

Diante dessa avalanche de dados, as Big Tech's (como são chamadas as grandes empresas de tecnologia que dominam o mercado) atualmente possuem informações suficientes para controlar, prever e influenciar usuários em diversos níveis, como ocorreu no caso da empresa Cambridge Analytica¹⁰ que de acordo com o jornal britânico "The Guardian", coletou dados de milhões de usuários da rede social Facebook para criar um software que teve grande influência na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016. Tal exemplo é um, dentre vários que demonstram como a coleta de dados tem se tornado central no atual modelo de mercado, fazendo com que o uso de Big Data e algoritmos sejam algumas das principais ferramentas à disposição de grupos em disputa e de atores envolvidos que buscam legitimidade seja nas urnas ou nas ruas. Mídias sociais e plataformas como o Facebook, o Instagram, o TikTok, o Spotify, o Ifood, o Youtube, entre outras tantas, tão comuns em nosso dia a dia, permitem registros completos do comportamento humano e “a quase totalidade da comunidade sociológica não tem acesso aos mesmos e, mesmo que tivesse, dificilmente seria capaz de analisá-los” (NASCIMENTO, 2020).

É diante deste complexo cenário que a sociologia se encontra atualmente. Imersa em um mundo moldado por mudanças tecnológicas significativas que exercem impactos profundos nas relações sociais, ao passo de que ela mesma, enquanto disciplina, também muda. O que persiste, porém, é a necessidade da reflexividade sociológica constante, pois, como Pierre Bourdieu (2006) nos ensina, a sociologia tem a missão e a responsabilidade social de desnudar as estruturas naturalizadas. Nesse sentido, a reflexão e a autocrítica metodológica são importantes contribuições para os debates sobre o futuro da sociologia e como a disciplina pode permanecer vibrante, criativa e receptiva a novos desenvolvimentos e mudanças sociais (LUPTON, 2015). Interrogar a natureza da pesquisa do mundo digital e suas implicações para a sociologia é um processo necessário para sua manutenção, e, pelo qual o método sociológico pode, inclusive, reinventar-se.

10 Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>>. Acesso em 17 set, 2022

2.2. POR QUE UMA SOCIOLOGIA DIGITAL?

Uma vez envolvida com o digital, a pesquisa social torna-se uma prática sócio-material-técnica. Reconhecer as implicações, a materialidade, as possibilidades e limites das tecnologias digitais torna-se, portanto, parte indissociável do artesanato da pesquisa social. (FACIOLI; PADILHA, 2018, p. 306)

À medida em que as tecnologias digitais de informação e comunicação em rede transformaram a sociedade, elas conseqüentemente transformaram também a própria disciplina sociológica (WITTE, 2012). Assim, podemos definir a Sociologia Digital como uma subárea emergente da sociologia que se dedica ao estudo das novas tecnologias de informação e comunicação, observando seus impactos nos diversos aspectos da vida social, além de preocupar-se também com o próprio ofício da sociologia, tanto em termos teóricos quanto metodológicos

É necessário ressaltar, no entanto, que a Sociologia Digital não pode ser tratada como um movimento inteiramente original, ao passo de que diversos sociólogos já produziram trabalhos plenamente compatíveis com a disciplina antes mesmo que esta fosse devidamente “fundada” (CRUZ JUNIOR, 2020). Desde os primórdios da internet, diversos sociólogos (DEGENNE E FORSÉ, 1999; WATTS, 1999; DIMAGGIO, ET AL., 2001; WELLMAN, 2001; BUCHANAN, 2002;) buscaram compreender o terreno das tecnologias computacionais e das relações sociais digitalmente mediadas, além de questionar sobre quais seriam as limitações e possibilidades da sociologia frente aos novos desafios trazidos pela tecnologia.

Em março de 2000, por exemplo, o sociólogo Andrew Abbott publicou o artigo “Reflections on the Future of Sociology” (2000), no qual se mostrava preocupado com o aspecto “intelectual” da sociologia no futuro. De acordo com o autor, as transformações tecnológicas das décadas de 1980 e 1990, resultaram em numerosas variáveis e medidas repetidas de variáveis em banco de dados para os pesquisadores sociais. Assim, à medida que cada vez mais comportamentos são conduzidos digitalmente, aumentam também as “coisas” que podem ser medidas com mais frequência, fazendo com que sejamos confrontados pelos dados continuamente e a nível mundial. Essa volumosa crescente de dados, em teoria, deveria proporcionar também o aumento de pesquisas sociológicas, mas para Abbott (2000) não é tão simples assim:

the blunt fact is that sociology is woefully unprepared to deal with this problem: We have neither the analytic tools nor the conceptual imagination necessary. Our stock-in-trade analytic methods were designed for investigating relations between small numbers of variables and are useless for large-scale pattern-recognition (ABBOTT, 2000, p. 299)

O artigo de Abbott (2000), apesar de não utilizar em nenhum momento o termo Sociologia Digital, possui estreita relação com o surgimento da área, ao demonstrar sua preocupação com o desafio teórico e metodológico trazido pelas mudanças tecnológicas à prática sociológica, já que para ele “construir esta nova abordagem geral, é o projeto da disciplina para o futuro imediato¹¹” (ABBOTT, 2000).

A primeira vez que o termo Sociologia Digital foi de fato utilizado na literatura acadêmica foi em 2009, em um artigo do sociólogo inglês Jonathan Wynn, chamado “Digital Sociology: Emergent Technologies in the Field and the Classroom” (2009), cujas reflexões decorrem do curso ministrado pelo autor, denominado “Media, Technology and Sociology”. No breve artigo, Wynn (2009) afirmava que há uma série de desafios que surgem com o uso de novas tecnologias na prática sociológica e destacava que a disciplina precisa ter uma ampla discussão sobre os efeitos que essas tecnologias trazem para o trabalho acadêmico. O curso tinha como objetivos ensinar os estudantes a analisar criticamente a mídia e a tecnologia, explicar como a sociologia não se apropria corretamente da tecnologia e, também, como utilizar a própria tecnologia a seu favor.

I wanted students to think critically about the Technologies they use every day, and how they can better manipulate these Technologies to serve their own scholarly needs, whatever they may be (WYNN, 2009, p. 454)

Posteriormente, em outubro de 2007, os pesquisadores Mike Savage e Roger Burrows, deram maior ênfase à essa necessidade de a sociologia apropriar-se da tecnologia para atualizar seus métodos e técnicas em pesquisa social, devido ao cenário ocasionado pelo desenvolvimento tecnológico e por uma suposta crise metodológica, em um artigo denominado “The Coming Crisis of Empirical Sociology” (2007). Para os autores, até a década de 1990, os sociólogos podiam reivindicar uma série de ferramentas metodológicas distintas que lhes possibilitavam interpretar as relações sociais com protagonismo, no entanto, a partir do século XXI os dados sociais são coletados e disseminados de tal maneira que o papel dos sociólogos

11 Texto original: “To build this new general approach is the discipline's project for the immediate future.”

no futuro parece incerto, ao passo de que a produção e análise de dados ultrapassou os limites do campo acadêmico da sociologia, sendo dominado por “instituições não acadêmicas”, que lidam com esses dados através de técnicas de análise mais efetivas (SAVAGE; BURROWS, 2007).

To be clear, our point is not to bemoan the limited knowledge or ignorance of market researchers, nor to claim that academic social scientists should copy the private sector in some kind of deferential way, but rather to point out how key agents in the research apparatus of contemporary capitalist organizations now simply don't need the empirical expertise of quantitative social scientists as they go about their business. But this point needs to be pushed further. Most powerful institutional agents now have more effective research tools than sample surveys. As we have already noted, they can draw on the digital data generated routinely as a by-product of their own transactions: sales data, mailing lists, subscription data, and so forth (SAVAGE; BURROWS, 2007, p. 891)

Em tom semelhante, os pesquisadores Kate Orton-Johnson e Nick Prior publicaram em 2013, a primeira obra que traz logo no título o termo “Digital sociology: critical perspectives” (2013). Trata-se de uma coletânea que se propõe a refletir sobre temas centrais da sociologia e sua relação com a recente era digital. Nela, Orton-Johnson e Prior (2013) questionam se os atuais conceitos sociológicos ainda se adequam a um propósito ou estariam além do reconhecimento, em novas aplicações e contextos sociais em mudança, ou ainda, como a sociologia poderia reavaliar seus eixos centrais em um cenário interdisciplinar, e, até que ponto a “imaginação sociológica” ainda é uma base suficiente para iniciar investigações sociais em cenários digitais. É necessário ressaltar, no entanto, que embora seja nítida a intenção da coletânea em estabelecer a necessidade de “renovação” da sociologia frente ao fenômeno digital, a obra não define quais seriam os contornos específicos da Sociologia Digital, enquanto disciplina (NASCIMENTO, 2020).

Por outro lado, a socióloga Deborh Lupton (2015), a partir de uma perspectiva mais radical, afirma que neste novo capítulo sociológico, tratar as tecnologias digitais com centralidade na compreensão de nossa sociedade é imprescindível para a sobrevivência da sociologia, sendo este o papel fundamental a ser desempenhado pela Sociologia Digital. A disciplina sociológica, portanto, não pode ignorar ou tentar reduzir as mudanças causadas pela era digital, pois em certo sentido, nenhuma de suas tradicionais áreas temáticas permaneceu intocada pela tecnologia:

I would argue that sociology needs to make the study of digital Technologies central to its very remit. All of the topics that sociologists now research and teach about are inevitably connected to digital technologies, whether they focus on the sociology of the family, science, health and medicine, knowledge, culture, the economy, employment, education, work, gender, risk, ageing or race and ethnicity. To study digital society is to focus on many aspects that have long been central preoccupations of sociologists: selfhood, identity, embodiment, power relations and social inequalities, social networks, social structures, social institutions and social theory. (LUPTON, 2015, p. 5)

Ou seja, se o digital está relacionado ao trabalho, ao gênero, à família, à economia, à educação, ao mercado, à sexualidade, às cidades e ao campo, então ele se relaciona com temas centrais à interpretação sociológica. Nesse sentido, ao refletir sobre as novas possibilidades metodológicas para interpretarmos estes campos na era digital, a partir das questões promovidas pela Sociologia Digital, estaríamos promovendo uma atualização do arcabouço de possibilidades disponíveis até então. Visando estabelecer direcionamentos mais concretos, Lupton (2015) estabelece que a Sociologia Digital, enquanto disciplina, deve ser considerada como uma “área multidisciplinar” (LUPTON, 2015), no qual os seguintes campos de interesse devem ser considerados como eixos centrais e condutores de debates:

Quadro 1 – Áreas de atuação da Sociologia Digital

Prática digital profissional	O uso de ferramentas digitais como parte da prática sociológica – para construir redes, divulgar e compartilhar pesquisas e orientar estudantes;
Análises do uso da tecnologia digital	Pesquisar as maneiras pelas quais as pessoas usam as tecnologias digitais, configuram o seu sentido de eu (self), a corporeidade (embodiment) e suas relações sociais, e o papel da mídia digital na criação ou reprodução de instituições e estruturas sociais;
Análise de dados digitais	Usar dados digitais de ocorrência natural para pesquisa social, quantitativa ou qualitativa;
Sociologia digital crítica	Realizar análises reflexivas das tecnologias digitais, informadas pela teoria social e cultural.

Fonte: adaptado de Lupton (2015, p. 15-16).

Ao conceber uma agenda, orientada por campos de atuação, Lupton (2015) organiza os debates e faz com que a disciplina tome corpo. Em direção semelhante, a socióloga Noortje Marres (2017) será quem se preocupará com a “reinvenção da pesquisa social”, ao passo de que como afirma Nascimento (2020), “se com Debora Lupton nós obtivemos os alicerces e a estrutura, com Marres, sem dúvida, estamos diante dos aspectos arquitetônicos da sociologia digital”. Em seu livro “Digital Sociology: the Reinvention of Social Research” (2017), Marres questiona quais seriam os limites e possibilidades introduzidas pelo digital na prática sociológica e como isso impacta os vários aspectos da pesquisa.

how does the digital inflect my object of study, my methods, and the communication of my work? The different elements – object, methods, platform – can also be taken to refer to different aspects of research design in digital sociology: what is this study about? What methods do we use? How do we communicate our research?

O objetivo principal do livro de Marres (2017) é proporcionar uma visão geral dos debates em sociologia, computação e estudos de mídia, diante das transformações digitais. Para isso, a socióloga organiza as discussões em três aspectos: a) na afirmação de que o digital possibilita novas formas de conhecer o mundo social; b) nos conceitos, métodos e técnicas necessários para a sociedade no contexto digital; e c) nas questões normativas, políticas e éticas ocasionadas pelas novas formas digitais utilizadas na pesquisa social, assim, a autora pretende elaborar uma agenda intelectual para a Sociologia Digital. Marres (2017), argumenta que é necessário superar o dualismo relacionado a interpretação de que a Sociologia Digital representa a novidade dos modos digitais de fazer pesquisa na era digital e a noção de que a disciplina seria a “velha sociologia” com um toque de recursos tecnológicos novos e “sexys” (MARRES, 2017), porém não convincentes. Portanto, em termos sociológicos, para Marres (2017), o digital diz respeito a três aspectos distintos:

Quadro 2 – Aspectos do digital na sociologia

Os objetos, assuntos e fenômenos que demandam investigação social	Como arquitetura emergente da vida social, o digital tem a capacidade de transformar modos de ser, incluindo processos e práticas de transacionar, conhecer, compartilhar, eleger, cuidar, viajar, tomar decisões, etc.
Os instrumentos e métodos utilizados em pesquisa social	Boa parte dos métodos da sociologia foram afetados pelo recente processo de digitalização, em especial a análise de redes e as etnografias conduzidas por meios digitais, sendo necessário incorporá-los à prática sociológica.
As plataformas para engajamento de públicos interessados em sociologia	As redes sociais e as plataformas de compartilhamento de informações acadêmicas alteraram a forma de produção de conhecimento científico, sendo que a visibilidade e troca de experiências com pesquisadores de outros países proporciona a sensação de uma produção global de conhecimento.

Fonte: adaptado de Marres (2017, p. 36).

Além disso, Noortje Marres (2017), ressalta que a Sociologia Digital também deve assumir uma postura relacional, tendo consciência sobre a presença da tecnologia na vida social e quais são seus efeitos neste contexto do determinismo tecnológico, sendo tarefa do sociólogo imaginar meios de praticar a sociologia com a tecnologia, através de uma compreensão que reconheça o uso de tecnologia em pesquisa social, mas que não aumente seu papel de principal

condutor do conhecimento sociológico, ou seja, a pesquisa deve ser desenhada “com e contra” o digital. Nesse sentido, “precisaríamos estabelecer claramente, então, a diferença entre pesquisa social dirigida por ferramentas e sociologia consciente dos dispositivos¹²” (MARRES, 2017). Nesse mesmo sentido, Balieiro e Miskolci (2018) alertam que:

Análises sociológicas não se tornarão melhores apenas por incorporarem mais dados em termos numéricos, assim como não se tornarão necessariamente mais precisas pelo uso de ferramentas tecnológicas. Há uma efetiva explosão na oferta de dados, os quais – pelo seu caráter digital – favorecem sua quantificação e tratamento por meio de softwares, mas tal criação de dados e arquivos exige análise como resultado de transformações sociais recentes. Em outros termos, nas reflexões metodológicas originadas no contexto digital, há ainda uma tendência a priorizar os dados confundindo-os com a sociedade que os produz (ATHIQUE, 2013, p. 262). A emergência de uma variedade cada vez maior de programas de análises de dados quantitativos deve ser acompanhada de crítica, de forma a evitar a um fetichismo tecnológico/computacional que vê no desenvolvimento tecnológico uma superação absoluta dos métodos e técnicas de análise prévios, bem como desconsidera a importância da pesquisa qualitativa baseada na capacidade sinóptica do analista. (BALIEIRO; MISKOLCI, 2018, p. 147)

Assim, os sociólogos jamais devem esquecer que eles mesmos também se encontram cada vez mais imersos na sociedade digital, envolvidos em uma sofisticada e complexa estrutura comunicacional, e, portanto, o modo sociológico de pensar e fazer, também cada vez mais implica em refletir a estruturação desse conhecimento a partir da intensificação da informação digital na produção do saber sociológico, redesenhado em nova e relevante significação com a cultura digital (LIMA, 2004). Com as novas oportunidades surgidas a partir do digital, portanto, cada vez será mais necessário agregar a tecnologia no âmbito do desenvolvimento laboral e educativo, assim, fomentar essas discussões, sem dúvida, é uma das tarefas fundamentais da Sociologia Digital no contexto do ensino.

A Sociologia Digital não pretende resumir a pesquisa social à métodos digitais ou fazer com que ferramentas digitais conduzam sozinhas as pesquisas em sociologia, tal como robôs. Não se trata, portanto, de reduzir o trabalho sociológico a extração automatizada de bancos de dados ou a aquisição de competências computacionais, mas de aprender as novas maneiras de se obter e analisar dados, para posteriormente relacioná-los com a teoria social e com a construção do objeto de pesquisa. Como nos diz Selwyn (2019), usar ferramentas digitais em pesquisa social não implica em converter sociólogos em cientistas de dados, programadores ou

12 Texto original: “we need to clearly establish, then, the difference between tool-driven social research and device-aware sociology”.

desenvolvedores. O autor defende que é necessário romper com o processo de naturalização que costuma ocorrer quando estamos diariamente interagindo com aquilo que estudamos, neste caso, o digital. Seria tarefa da Sociologia Digital, portanto, enxergar os “pontos cegos” das tecnologias digitais, buscando compreender como elas nos modificam, enquanto sociedade, desta maneira, “uma das ambições da sociologia digital é tornar o digital visível, lançando luz sobre as imperfeições, falhas, lacunas, entrelaçamentos e artifícios” (SELWYN, 2019).

‘O que a sociologia digital pode fazer por nós?’ (...) Em resumo, a sociologia digital nos permite ter um senso melhor do mundo digital em que estamos vivendo. Expandindo um pouco mais, a sociologia digital fornece um modo de formularmos questões melhores para a sociedade digital – identificando problemas, tensões e questões subjacentes que de outro modo estariam encobertas em meio à hipérbole que tende a obscurecer as discussões sobre a ‘nova’ tecnologia. (SELWYN, p. 22, 2019)

Em seu livro “What is digital sociology?” (2019), Neil Selwyn afirma que é inegável que a maioria das pessoas agora vivem grandes porções de suas vidas através de sistemas e serviços digitais, plataformas e aplicativos, sendo, portanto, necessário que pesquisadores sociais se engajem em desenvolver ideias, métodos e técnicas que até então não faziam parte da “caixa de ferramentas da sociologia” (SELWYN, 2019).

Para Selwyn (2019), as tecnologias digitais são qualitativamente e quantitativamente diferentes das tecnologias anteriores, inaugurando possibilidades novas, como por exemplo o uso de inteligência artificial em pesquisa social e o estudo sobre a internet das coisas, bem como a necessidade de a sociologia se tornar mais interdisciplinar. A visão do autor é mais positiva, no sentido de que para ele, ao invés de a sociologia estar passando por uma crise metodológica, deve-se entender o atual momento como emergente de oportunidades na utilização de inéditos métodos digitais e do uso do Big Data na prática sociológica (SELWYN, 2019).

Por outro lado, Nascimento (2020) ressalta que atualmente também existe o debate que questiona se o “digital” da Sociologia Digital realmente representa um novo campo de pesquisa, separado dos demais. Argumenta-se que, na realidade, a nova área emergente expressa uma agenda de pesquisa já existente, com base nos estudos da internet e no uso de tecnologias da informação e comunicação e que estaria apenas com uma nova roupagem. O autor contra-argumenta, no entanto, que a necessidade de uma Sociologia Digital não diz respeito somente à especificidade dos objetos pesquisados ou ao uso de novas práticas e ferramentas digitais, mas sim às relações que precisamos estabelecer entre os métodos digitais,

os dados sociais produzidos pelas tecnologias digitais e as teorias sociológicas que nos foram úteis ao longo do século XX (NASCIMENTO, 2020).

Ou seja, o trabalho sociológico de pesquisa não se reduziria a fazer o download de dados de redes sociais digitais, a extrair métricas automatizadas e gerar visualizações. É preciso fazer um amálgama com teoria social, problemática de pesquisa, construção do objeto, revisão sistemática de estudos empíricos etc. Ou seja, todas as etapas tradicionais que compõem o ofício de pesquisa da sociologia permanecem e devem ser estritamente observados. (NASCIMENTO, p. 43, 2020)

O autor defende “a necessidade urgente de uma atualização teórico-metodológica da sociologia frente aos desafios da produção massiva de dados digitais” e em tom alarmante afirma que “a sobrevivência da sociologia dependerá da instrumentalização tecnológica aliada a uma reflexão diante de um novo horizonte de questões da era digital” (NASCIMENTO, 2020).

Trata-se, portanto, de assumir uma posição que supere a demonização do uso de tecnologias sem cair em uma “tecnolatria” imponderada, ou seja, não devemos tratar as análises sociológicas da massiva produção de dados digitais como uma forma substituta do modo anterior de fazer sociologia, nem como modismo passageiro, restrito a um subcampo, mas sim como instrumentos aliados e capazes de ampliar as potencialidades dos tradicionais métodos e que demandam uma especialização que poucos sociólogos atualmente estariam dispostos a aprender (NASCIMENTO, 2020).

Em minha opinião, de todas as inquietações da sociologia digital, talvez a mais impactante seja a urgente necessidade de os sociólogos e a sociologia fazerem um “upgrade” de sua clássica fundamentação teórica e metodológica para lidar com novos fenômenos que simplesmente não existiam nas sociedades de cerca de 150 anos atrás, quando do seu surgimento. Principalmente, porque a novidade e os impactos sociais desses fenômenos têm uma resistência epistemológica em caber dentro de modelos e escolas de pensamento da velha sociologia. (NASCIMENTO, 2016, p. 231).

É com essa responsabilidade que a Sociologia Digital emerge, convidando a sociologia a refletir e rearticular suas teorias e conceitos para explicar a vida social, em uma era na qual se intensificou o uso de tecnologias no cotidiano e conseqüentemente a produção de dados digitais, provocando mudanças não só na maneira de viver o mundo social, mas também na forma de enxergá-lo. Ressalta-se que a nova disciplina não pretende abandonar ou reduzir a importância das técnicas, teorias e métodos utilizados pelos sociólogos durante as últimas décadas, e que foram fundamentais para o desenvolvimento da sociologia, enquanto área do saber. Pelo contrário, tal conhecimento é indispensável para que possamos compreender o

mundo atual, que, embora envolto pelo digital, ainda é constituído pelas mesmas relações sociais que são objeto da sociologia desde o seu surgimento. Ocorre, no entanto, que devido aos recentes fenômenos da digitalização e da dataficação da vida humana, surgiu a necessidade de os pesquisadores dominarem novas técnicas e maneiras de compreender tais relações, apropriando-se das oportunidades trazidas pelo desenvolvimento tecnológico, pois, do contrário, podem correr o risco de perder seu papel de intérpretes, neste novo mundo.

Como pensarmos o fenômeno da vigilância digital em escala global, das click farms, a construção da identidade via redes digitais, a privacidade online, a massiva produção de dados digitais e tantos outros assuntos através de teorias cujo horizonte histórico desconhecia tais fenômenos? Por outro lado, não se trata de promover uma caçada implacável aos clássicos e suas teorias (...), mas reconhecer a necessidade de um duplo movimento: reconhecer que os esforços de um eterno retorno às teorias clássicas devem vir acompanhados de um gradiente de reflexão de mesma magnitude em encontrar novas ideias e teorias que produzam inteligibilidade sobre o que está acontecendo no mundo social, buscando, com isto, construir teorias contextualizadas mediante referenciais realmente inovadores (NASCIMENTO, 2020, p. 231)

Nesse mesmo sentido, Miskolci (2016), argumenta que a era digital não se caracteriza apenas por rupturas e novidades, mas também por continuidades e aprofundamentos de fenômenos previamente abordados pelas áreas que estudaram e estudam o social e ressalta que, o objetivo da Sociologia Digital não é analisar equipamentos, sistemas operacionais ou plataformas, mas sim as relações sociais que estes dispositivos permitem, moldam ou negociam.

Alguns compreendem sociologia digital como uma área emergente da disciplina com objeto próprio de investigação, outros – mais preocupados com aspectos metodológicos – podem defini-la como a possibilidade de dar conta da intensidade de relações sociais mediatizadas pelas tecnologias (big data) e há também quem reconheça nela o potencial para criação de um conjunto teórico e conceitual articulado e transversal que virá a modificar a disciplina como um todo. Qualquer que seja a definição de sociologia digital, refletir sobre seu potencial é um exercício necessário para compreender nosso passado recente e, sobretudo, nosso presente. (MISKOLCI, 2016, p. 277)

Podemos perceber, até aqui, que as principais publicações relacionadas a Sociologia Digital possuem propostas claras e se relacionam com diversos campos sociológicos, sendo possível, no entanto, encontrar convergências. Tais pontos em comum, poderiam então nos ajudar a sistematizar as discussões centrais da Sociologia Digital, que de acordo com Nascimento (2020), podem ser organizadas em três eixos principais:

O primeiro deles parte dos fenômenos relacionado à digitalização para a sociologia: seria necessário estudarmos os tradicionais temas da sociologia em relação às tecnologias digitais de informação e comunicação; **O segundo eixo trata da própria sociologia em relação a suas práticas de pesquisa:** utilizar os dados e as ferramentas digitais associados a uma reflexividade crítica acerca das tecnologias e, ao mesmo tempo, pensar a digitalização do próprio aprendizado do ofício do sociólogo; **E um terceiro eixo que trata do engajamento da sociologia digital com o público externo ao campo científico, buscando a divulgação dos resultados das nossas investigações:** a maneira de produção, divulgação e engajamento do conhecimento científico – não apenas da sociologia – se modificando. (NASCIMENTO, 2020, p. 47, grifo do autor).

Assim, tendo em vista que o objetivo do presente trabalho é trazer reflexões sobre o uso de métodos digitais na prática sociológica, a partir deste momento trataremos exclusivamente do segundo eixo mencionado acima por Nascimento (2020), relacionado a utilização de dados e ferramentas digitais associados a reflexividade crítica sobre as tecnologias e a digitalização do próprio aprendizado do ofício do sociólogo, buscando compreender as mudanças ocasionadas por este novo cenário no modo de fazer sociologia e identificar quais são as novas abordagens, conceitos e possibilidades trazidas pelo uso de métodos digitais na prática sociológica.

3 A PRÁTICA SOCIOLÓGICA NO SÉCULO XXI

Em uma manhã de 2016, um sociólogo acorda com o despertador de seu smartphone. Ao desligá-lo, se depara com as atualizações na tela do equipamento. Durante a rotina matinal, começa a ouvir os sons da chegada de e-mails e mensagens instantâneas até que se senta diante do computador portátil e o liga, dando início a um novo dia de trabalho. Ao abrir o navegador para responder e-mails, também abre, na aba de trás, uma rede social que usa para divulgar pesquisas de sua área. Divide sua atenção entre os correios eletrônicos, as mensagens no smartphone, as da rede social, assim como lê notícias nos sites dos principais jornais. Cumprida a primeira tarefa do dia, a de responder as mensagens de trabalho, volta-se para um artigo ao qual se dedica há algumas semanas. Precisa de fontes que busca online, acessa e lê em periódicos disponíveis em portais científicos até que sua agenda eletrônica o avisa – pelo smartphone integrado ao computador – que tem uma reunião dentro de uma hora. (...) Tal descrição de algumas horas no cotidiano de um/a pesquisador/a em nossos dias mostra algo que já se tornou trivial: nossa prática profissional é inseparável do uso das tecnologias comunicacionais. (MISKOLCI, 2016, p. 276)

Não podemos ignorar que o uso de métodos informacionais não é uma completa novidade na sociologia. O software SPSS (Statistical Package for Social Sciences), por exemplo, é utilizado desde os anos 1960 como mecanismo de entrada de dados para realização de testes estatísticos de correlação e de hipóteses, ordenamento de dados e reorganização de informações. Posteriormente, na década de 1980 o pesquisador australiano Tom Richards criou

um programa para codificação e análise de textos, denominado Nud*ist, seguido pelo Ethnograph, lançado em 1989, pela empresa Qualis Research e pelo Atlas.Ti, que trazia como novidade a possibilidade de codificação de imagens, sons e textos, e que foi comercializado em 1993 (BALTAR, R.; BALTAR, C, 2010).

Desde os anos 60, com o surgimento do software SPSS (Statistical Package for Social Sciences), as ciências sociais já dispunham de ferramentas de informática para auxiliar a pesquisa e análise de dados, conforme já apresentado por Blank (1989) e Brent e Anderson (1990). (...) Nos anos 80, com a disseminação do uso de microcomputadores, novos softwares foram desenvolvidos e tornaram-se acessíveis aos professores, pesquisadores e estudantes dos diversos ramos das ciências sociais. O SPSS, que antes era um programa para grandes computadores (chamados de mainframes, rondando o sistema operacional Unix), em 1984 foi comercializado em versão do sistema operacional DOS para computadores pessoais IBM. A partir daquele momento, não apenas grandes institutos de pesquisas ou empresas poderiam fazer uso deste programa, mas também pesquisadores individuais e estudantes. (BALTAR, R.; BALTAR, C, 2010, p. 2)

Desde o advento das tecnologias computacionais ocorrida na primeira metade do século XX e da computação eletrônica na década de 1970, portanto, tais ferramentas vêm sendo introduzidas aos processos de pesquisa dentro das Ciências Sociais (PAVESI; VALENTIN, 2021). É necessário pontuar, no entanto, que o contexto no qual tais softwares foram criados, era muito diferente do que hoje conhecemos como era digital.

Nos dias de hoje, grandes corporações do mercado de tecnologia como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft – ou GAFAM¹³, dispõem de uma produção contínua e massiva de dados digitais de seus usuários, sejam eles dados sobre gênero, raça, comportamento ou consumo cultural de música, filmes, imagens, entre outras milhares de variáveis. Tal disponibilidade de dados exige, por conseguinte, uma forma específica de análise que se diferencia das clássicas formas de pesquisa amostral. São dados que exigem uma expertise específica e que, através de mecanismos computacionais, geram uma capacidade de informação e análise singulares. Essa situação permite uma capacidade informacional de previsão e de intervenção que não se tinha antes (LAZER, 2009). O “Big data” representa o surgimento de

13 GAFAM é o acrônimo utilizado para representar as cinco empresas ocidentais de tecnologia mais populares do mundo: Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft. Essas empresas atualmente representam o maior império financeiro do planeta, evidenciando novos tempos e maneiras na produção e o acesso ao conhecimento na era digital. O domínio da GAFAM se baseia em um ecossistema de dispositivos, aplicações e meios que se por um lado favorecem a ideia de uma comunidade reunida em torno de uma experiência do mundo ditada pelos algoritmos, por outro, conquistam cada espaço da vida privada dos indivíduos, valor este agregado à riqueza das multinacionais das redes.

uma nova classe de registros digitais obtidos a partir de fenômenos sociais. Tais dados não são apenas volumosos, mas também dinâmicos e massivamente multivariados, e muitas vezes dizem respeito à forma e ao conteúdo das comunicações (links e textos). Nesse sentido, as antigas técnicas analíticas são frequentemente inaplicáveis. Como resultado, há demanda por novos métodos que reduzam e simplifiquem a dimensionalidade dos dados, identifiquem novos padrões e relações (etnografia computacional, linguística computacional, ciência de rede), que prevejam resultados (aprendizado de máquina) e implementem experimentos que revelem como podemos alterar a ação nas direções desejadas (LAZER, 2009).

Assim, é evidente que estimular o uso de novas tecnologias como parte da prática sociológica vai fazer muito para melhorar o perfil da sociologia e demonstrar a sua relevância e importância em uma época na qual o encolhimento do mercado de trabalho acadêmico, a desconfiança entre os governos conservadores dos cientistas sociais e a austeridade econômica em geral estão a ameaçar o financiamento da investigação sociológica (LUPTON, 2015).

É diante deste contexto que a Sociologia se encontra atualmente instigada – ou até intimidada – ao menos a reconhecer o significado dos fenômenos digitais para a vida em sociedade. Surge daí, a inevitabilidade de uma atualização teórico-metodológica do fazer sociológico, evidenciando a necessidade de aquisição, por parte dos sociólogos, de “habilidades sócio-técnicas” (NASCIMENTO, 2016) que permitam novas maneiras de interpretar fenômenos inéditos e tal acontecimento só pode ser ocasionado a partir do uso de métodos digitais em pesquisa social na qualidade de espinha dorsal da profissão de sociólogo nesta nova era (MARRES, 2017). Nesse sentido “a sociologia digital sinaliza o ‘surgimento’ da tecnologia como uma dimensão significativa da investigação social” (MARRES, 2017), fazendo com que os métodos digitais se transformem em importantes instrumentos para a prática sociológica no século XXI. No próximo capítulo, a partir de revisão bibliográfica, o presente trabalho irá apresentar a definição de métodos¹⁴ digitais trazida por autores que se dedicaram ao estudo do tema.

3.1. MÉTODOS DIGITAIS

¹⁴ Rogers (2019), ao apresentar a abordagem dos métodos digitais, defende sua acepção para além da ideia do uso de algumas ferramentas, sugerindo inclusive que a abordagem poderia ser denominada de “metodologias digitais”, porque se refere mais a um processo de pesquisa online, sem, no entanto ser protocolar em termos de técnica.

De forma objetiva, os métodos digitais podem ser definidos como uma prática de pesquisa quali-quantí que re-imagina a natureza, os mecanismos e os dados nativos às plataformas web e motores de busca para estudar a sociedade. Tem como ponto de partida e arena investigativa a Internet e o ambiente online. (OMENA, 2019, p. 6)

Em “Métodos digitais: teoria-prática-crítica” (2019), a pesquisadora Janna Omena inicia a introdução da coletânea afirmando que talvez seja melhor definir o que são métodos digitais, esclarecendo o que não são métodos digitais. A autora explica que métodos digitais não correspondem simplesmente a um campo para aplicação de métodos existentes ou à migração do instrumentário das ciências sociais para o ambiente online, como por exemplo a aplicação de questionários via e-mail, grupos de discussão online ou plataformas de medias sociais e ressalta, ainda, que estes também não representam simplesmente a justaposição de análises estatísticas combinadas com observações etnográficas, tampouco métodos pré-fabricados ou uso fortuito de software de extração ou análise de dados (OMENA, 2019).

(...) os métodos digitais nos convidam a observar, considerar e redirecionar os mecanismos inerentes às plataformas web e os seus objetos nativos digitais para investigação social. É um processo essencialmente de alfabetização digital e requer, portanto, uma nova cultura de conhecimento. (OMENA, 2019, p. 6).

Omena (2019) afirma que a realização de pesquisa social fundamentada em métodos digitais envolve processos e questionamentos similares às práticas tradicionais de investigação, entretanto, de acordo com a autora, quatro pontos determinantes separam estas últimas dos métodos digitais. No primeiro deles, a autora esclarece que os métodos digitais assumem uma posição de interdependência no processo investigativo, sendo presentes desde a concepção da investigação até ao seu processo analítico. No segundo ponto está a consideração da infraestrutura das plataformas web, motores de busca ou rede social que está sendo analisada, ou seja, o “meio” possui um papel ativo no design interrogativo da pesquisa, pois os mecanismos (sistemas algorítmicos de personalização e recomendação, por exemplo) das plataformas web interferem, moldam e organizam a forma como vemos e entendemos o mundo, não sendo possível estudar determinado grupo social através de uma plataforma sem estudar a plataforma em si. No terceiro ponto, a autora destaca a necessidade do conhecimento técnico-prático relacionado a interligação de técnicas de extração-análise-visualização de dados, bem como sua natureza relacional com o contexto, os objetivos e as perguntas referentes ao objeto de estudo. E, por fim, o quarto e último ponto, refere-se ao pressuposto de que a proposta dos

métodos digitais é simultaneamente uma lógica interpretativa-quantificativa e um processo reflexivo (OMENA, 2019).

No artigo “A Reality Check(-list) for Digital Methods (2018), os autores Venturini, Bounegru, Gray e Rogers apresentam um “manual” de precauções que devem ser observadas na utilização de métodos digitais em pesquisa social, e também partem de quatro pontos principais: papel da mídia digital em relação ao objeto de estudo, definição do objeto de estudo, análise de plataformas, e demarcação e acesso aos dados. Complementando seus argumentos, os autores resumem a noção de métodos digitais da seguinte maneira:

The notion of digital methods was introduced in 2007 as a counterpoint to virtual methods, which sought to introduce the social scientific instrumentarium to digital research (Rogers, 2009). Virtual methods, it was claimed, consisted in the digitisation of traditional research methods such (e.g. in online surveys or online ethnography). Rooted in media studies and the so-called computational turn in the humanities and social sciences, digital methods sought instead to learn from the methods of the medium and repurpose them for social and cultural research. Reflecting on ‘natively digital’ methods sensitised the researcher to the specificities of the then ‘new media’, to their effects, platform vernaculars and user cultures. ‘Following the medium’ also would offer the researcher a strategy to cope with the ephemerality and instability of the Web, where a new feature, a changed setting or the shutting down of an API could stymie longitudinal studies. Whilst remaining critical of the implications of such changes, digital methods would ask which kind of research the platform affords. Digital methods thus may be defined as techniques for the ongoing research on the affordances of online media¹⁵. (VENTURINI, T., BOUNEGRU, L., GRAY, J., & ROGERS, R., p. 4, 2018)

Collares (2013) complementarmente defende que os métodos digitais possuem uma série de vantagens quando comparados aos métodos tradicionais, tais como: relativas ao custo, velocidade, exaustividade, detalhe, entre outros, mas também relacionadas à rica contextualização que pode ser proporcionada pela estreita relação entre os dados e as propriedades do meio (entendida como tecnologias, plataformas, ferramentas, sítios web, etc). O uso de tais métodos, nesse sentido, exige conhecimento multidisciplinar que vem agregar

¹⁵ Tradução do autor: A noção de métodos digitais foi introduzida em 2007 como um contraponto aos métodos virtuais, que buscavam introduzir o instrumental científico social na pesquisa digital (Rogers, 2009). Os métodos virtuais, afirmava-se, consistiam na digitalização de métodos tradicionais de pesquisa (por exemplo, em pesquisas online ou etnografia online). Enraizados nos estudos de mídia e na chamada virada computacional nas ciências humanas e sociais, os métodos digitais buscaram, em vez disso, aprender com os métodos do meio e redirecioná-los para a pesquisa social e cultural. Refletir sobre métodos ‘nativamente digitais’ sensibilizando o pesquisador para as especificidades das então ‘novas mídias’, para seus efeitos, vernáculos de plataforma e culturas de usuários. “Seguir o meio” também ofereceria ao pesquisador uma estratégia para lidar com a efemeridade e instabilidade da Web, onde um novo recurso, uma configuração alterada ou o desligamento de uma API poderia impedir estudos longitudinais. Embora permaneçam críticos das implicações de tais mudanças, os métodos digitais perguntariam que tipo de pesquisa a plataforma oferece. Os métodos digitais, portanto, podem ser definidos como técnicas para a pesquisa em andamento sobre as possibilidades da mídia online.

valor para uma melhor compreensão das suas etapas práticas, as quais sejam localizar, rastrear, extrair e tratar dados ou visualizar e analisar redes em constante mutação (OMENA, 2019). Nesse sentido, complementa Omena (2019), “lidar com o digital é também sinônimo de tentar compreender o transitório, passageiro, efêmero.”

Esta dinâmica ativa e nunca entediante de seguir a lógica do meio (medium) é inerente à abordagem dos métodos digitais que, por essa razão, reúne um conjunto particular de questionamentos. Por onde começar? Como fazer? É possível? E se? Mesmo que as soluções para estas questões possam mudar ao longo do tempo, perguntas como estas e as ações práticas por elas provadas são uma constante no realizar métodos digitais. (OMENA, p. 6, 2019).

Para o pesquisador Richard Rogers, autor do livro “Digital Methods” (2013), a definição de métodos digitais, pode ser expressa como estratégias de investigação para lidar com a natureza instável dos dados digitais e ao seguir a lógica fluida e não estática do ambiente online (meio), tais métodos demandam contínuas mudanças e adaptações que exigem preparo técnico por parte do investigador. “Seguir a lógica fluida e não estática do ambiente online”, de acordo com Rogers (2013), consiste em compreender como os serviços online (plataformas, mecanismos de busca, websites) tratam os objetos digitais (curtidas, hashtags, postagem) e como esses elementos contribuem para moldar a cultura de uso e comportamento, reutilizando-os em sua pesquisa social. Ou seja, o “meio” é entendido como qualquer infraestrutura técnica que permita a organização e extensão de ações coletivas no espaço ou tempo (BOUNEGRU et al., 2018). Mas o que isso significa na prática?

Os pesquisadores Elaine Teixeira Rabello e Fábio Castro Gouveia (2019), esclarecem que se ao fazermos uma coleta de material no Twitter, por exemplo, seguida de análise do que é postado e não entrarmos na percepção das características dessa plataforma que viabilizam, interferem e constroem o debate como ele é, estaríamos simplesmente fazendo uma análise de conteúdo, fazendo pouca diferença se tal conteúdo viesse do Twitter, do Instagram, do Facebook, se são notícias de jornal ou mensagens de Whatsapp. Ou seja, ao desconsiderar o meio o autor perde uma importante via crítica de debates para os estudos, que podem ir além das perspectivas ferramentais, descritivas e conteudistas ao entender esses espaços e suas características. Em outras palavras, assim como espaços físicos organizam os fluxos de pessoas e suas relações naquele ambiente, as plataformas digitais organizam o fluxo de dados e o comportamento das pessoas em ambientes virtuais (VAN DIJCK, 2016).

Há diversos trabalhos sobre questões do meio digital que usam — mas naturalizam — plataformas como o Facebook, por exemplo, no sentido de acessar o grupo para ver o que as pessoas discutem, mas não entram na mecânica e na discussão sobre o que é um grupo de Facebook. Ou seja, são deixadas de lado na discussão as características e possibilidades que um grupo de Facebook aporta (por exemplo, de curtir, compartilhar, ou fazer outras coisas), quais são as características que os define (por exemplo, quais as questões de um grupo fechado, um grupo aberto, um grupo secreto), entre outras. Na discussão sobre dados de um grupo secreto, por exemplo, já tenho embutido todo o entendimento do que é um grupo secreto, autocontido e protegido por uma certa sensação de “sigilo”, não por indivíduo, mas pelo coletivo. Em cada plataforma existem possibilidades de diferentes tipos de ações e reações, que apontam para a lógica subjacente ao sistema relacional e que não deve ser ignorado. (...) Então, na ideia de “seguir o meio”, dos métodos digitais, o meio serve de protagonista. A plataforma em si é um ator não-humano, e suas affordances são chave para o entendimento do que acontece ali. Não é apenas o contexto ou o cenário onde as coisas estão acontecendo; é por causa dela que as coisas estão acontecendo; ela faz acontecer assim. (RABELLO & GOUVEIA, p. 156-158, 2019)

Podemos afirmar, portanto que os métodos digitais trabalham com os dados produzidos originalmente para o online com técnicas nativas do meio digital (BARGAS; VIMIEIRO, 2019). Para esclarecer o que são métodos nativos ou não nativos na era digital, as pesquisadoras Ana Carolina Vimieiro e Janine de Kássia Rocha Bargas (2019), nos apresentam um quadro no qual oferecem uma separação geracional relacionado aos estudos que utilizam métodos e/ou dados digitais nas ciências humanas e sociais, no qual a “origem dos métodos” é considerada o ponto de intersecção entre a 2^a (métodos virtuais) e 3^a geração (métodos digitais).

Quadro 3 – Gerações dos estudos que utilizam métodos e/ou dados digitais nas ciências humanas e sociais

	1^a geração	2^a geração	3^a geração
Período	1980-2000	2000-presente	2010-presente
Origem dos dados	Não nativos (digitalizados)	Nativos (digitais)	Nativos (digitais)
Origem dos métodos	Migrados para o digital (análise de ocorrências de palavras)	Migrados para o digital (métodos virtuais)	Nativos do digital (métodos digitais)
Quanti/Quali	Análises quantitativas	Análises qualitativas	Múltiplos métodos (metodologias híbridas)

Outras características	Projetos de larga escala de digitalização de material. Estabelecimento de infraestrutura necessária para realização de pesquisas em ciências humanas que incorporassem técnicas computacionais de análise	Pesquisas sobre a internet	Pesquisas sociais com dados da internet, Big Data e Ciência dos Dados. Atenção à mediação do digital. Clamor por um nível maior de criticismo.
-------------------------------	---	----------------------------	--

Fonte: Adaptado de Bargas e Vimieiro (p. 10, 2019)

De acordo com as autoras, as pesquisas da primeira geração tinham como objetivo analisar dados migrados para o digital, ou seja, material que havia sido digitalizado, além de empregar métodos tradicionais migrados para este novo contexto, como por exemplo análises textuais de linguística que, em grande medida, focavam na contagem de ocorrência de palavras, que hoje é realizada de maneira automatizada (BARGAS; VIMIEIRO, 2019). Já as pesquisas da segunda geração, são marcadas por trabalhos de cunho mais etnográfico, realizados na internet, ao passo de que as interações online passam a ser mais significativas para a compreensão da realidade social (BARGAS; VIMIEIRO, 2019).

A virada de chave para a terceira geração, portanto, deve-se ao fato ao uso de métodos nativamente digitais, que só foi possível devido ao desenvolvimento das Interfaces de Programação de Aplicativos (a sigla API's, em inglês), que são como portas de acesso ao sistema das plataformas, permitindo que outras aplicações sejam desenvolvidas em diálogo com estas plataformas.

As APIs, pelas possibilidades técnicas que elas oferecem para as empresas parceiras, permitem também que esses espaços possam ser acessados por pesquisadores para a

coleta sistemática de dados (BURGESS; BRUNS, 2012), o que não ocorria com as redes sociais de primeira geração como o Orkut, em que era difícil ter acesso aos dados num formato estruturado e/ou fazer a coleta de forma automática. O fato de termos acesso a dados estruturados – isto é, de ser possível a coleta desses rastros de forma sistemática e manuseável, como são os conjuntos gerados por várias ferramentas de coleta de dados como Netvizz (Facebook) e TCAT (twitter) – transforma significativamente o fazer pesquisa, na medida em que conseguimos não só coletar as mensagens, mas também uma série de metadados acoplados a essas mensagens e que agora podem ser usados para diversos outros tipos de análise. E é essa estruturação que vai tornar possível também que uma série de métodos sejam desenvolvidos, levando em conta as especificidades dessas mensagens (BARGAS; VIMIEIRO, p. 6, 2019)

As APIs são importantes ferramentas utilizadas para coleta de dados em plataformas de mídias sociais e podem ser compreendidas como a “cola” tecnológica da web social ao conectarem serviços e possibilitarem o compartilhamento de conteúdo, como objetos protocolares, como instrumentos regulatórios que governam relações entre a plataforma e terceiros e como modelo de negócios (HELMOND, 2019). Utilizados por diversos pesquisadores que estudam as mídias sociais, tais instrumentos metodológicos são fundamentais para que se compreenda os efeitos da “plataformização” e o impacto causado por este fenômeno no mundo social. Como exemplo, podemos mencionar as pesquisas que estudam as relações entre os motoristas da Uber e o gerenciamento algorítmico e plataformizado de sua força de trabalho:

o conceito de “plataformização” é proposto por Helmond (2015) para tratar da “plataformização da web” – a emergência da plataforma como o modelo infraestrutural e econômico dominante da web” (HELMOND, 2015, p. 511), e é posteriormente estendido à plataformização das infraestruturas (PLANTIN et al., 2016) e mesmo à plataformização do social (D’ANDRÉA, 2017). Assim, “plataformização” passa a descrever a organização e operacionalização de atividades cotidianas, serviços, infraestruturas, em torno da lógica e da arquitetura de plataformas digitais. Ao argumentarmos que a uberização integra um processo de plataformização do trabalho, compreendemos que ela se realiza na ordenação do trabalho em torno das materialidades técnicas contidas e mobilizadas pelo Uber Driver. Tal posicionamento nos demanda um olhar mais cuidadoso sobre os modos como as dinâmicas e mecanismos do aplicativo mediam e gerenciam o trabalho e a experiência cotidiana dos motoristas. (GUERRA, p. 45, 2019)

Pode-se perceber que os métodos digitais objetivam, portanto, orientar a finalidade dos massivos dados armazenados em diferentes plataformas online para a pesquisa social, utilizando-se de ferramentas informacionais cuja implementação dependerá de qual plataforma os dados serão extraídos, e ainda de como tais dados deverão ser estruturados e visualizados (COBOS; SOUSA, 2021).

Blogs, plataformas de streaming, games on-line de mundos massivos e mídias sociais são apenas alguns dos territórios que abrigam corpos sociais sustentados por vínculos de pertencimento e sociabilidades singulares. Para cada um deles, táticas e métodos específicos de imersão e análise são colocados em prática. (CRUZ JUNIOR, 2021, p. 1528)

As pesquisadoras Tânia Lucía Cobos e Ana Lúcia Nunes de Sousa (2021), ressaltam que os métodos digitais facilitam a automatização do processamento de dados, mas evidentemente não substituem o critério interpretativo do pesquisador. As correlações são obtidas, mas o que significam, implicam, sugerem e o que é deduzido ou inferido a partir disso, é tarefa de execução do pesquisador, que deve estar consciente das limitações técnicas: a temporalidade dos serviços web, a instabilidade dos fluxos de dados que pode ocorrer por reconfigurações das plataformas, a qualidade dos dados capturados, a imprecisão dos algoritmos e o viés ocasionado pela limpeza ou curadoria dos dados (COBOS; SOUSA, 2021).

Na prática, e contrariando as expectativas de muitos investigadores, os métodos digitais implicam trabalho manual e um monitoramento ativo, por exemplo, contínua verificação dos dados coletados ou produção de visualizações exploratórias (ver Rogers, 2019). Pensar com e através dos dispositivos digitais reflete específicos tipos de estudo, como por exemplo: a reconfiguração do uso de motores de busca para pesquisa; mapeamento de redes na web através de análises de hiperlink; utilizar o Twitter como uma máquina de contar histórias; identificar e analisar conteúdos com alto nível de Reações no Facebook; ou transformar a Wikipédia em plataforma de referência para os estudos culturais, entre outras possibilidades (OMENA, p. 7, 2019)

A rastreabilidade digital possibilitou ainda que os pesquisadores sociais não precisem escolher mais entre precisão e alcance em suas observações, sendo possível seguir uma multiplicidade de interações e, simultaneamente, distinguir a contribuição específica de cada uma delas para a construção dos fenômenos sociais. Latour e Venturino (2019) afirmam que interessar-se pela construção de fenômenos sociais requer rastrear cada um dos atores envolvidos e cada uma das interações entre eles, e embora este tenha sido um objetivo impossível há apenas algumas décadas, torna-se cada vez mais realista à medida que as tecnologias digitais se espalham.

Nenhum método oferece uma visão panóptica da existência coletiva, e os métodos quali-quantitativos não são exceção. Os métodos digitais só podem oferecer uma visão oligóptica da sociedade (Latour & Hermant, 1988), exatamente como os métodos tradicionais. Todavia, pela primeira vez na história das ciências sociais, essa visão será ao menos contínua, desde a mais ínfima microinteração até a maior macroestrutura. (...) A existência social não está dividida em dois níveis, como nos

fizeram acreditar os métodos tradicionais. Microinterações e macroestruturas são apenas dois diferentes modos de olhar para o mesmo quadro coletivo, assim como a urdidura e a trama do tecido social. Na unidade gerada pela multiplicação de diferenças, na estabilidade produzida pela cumulação de mutações, na harmonia advinda das controvérsias, no equilíbrio dependente de milhares de fraturas está a maravilha da existência comunal. Os métodos qualitativos e quantitativos, por muito tempo, nos esconderam desse espetáculo. Os métodos digitais abrirão os nossos olhos. (LATOURE; VENTURINI, p. 45-46, 2019).

Latour e Venturini (2019) exaltam também a transparência e publicidade como práticas constantes dos pesquisadores que fazem uso de métodos digitais em pesquisa social, já que os dados digitais, a forma e as ferramentas para extrair e analisá-los podem ser divulgados juntamente com os resultados, tornando-se acessível aos públicos não apenas para conclusões do projeto de pesquisa, mas também para que todos os passos para se chegar a eles possam ser analisados, como ocorre com as pesquisas compartilhadas na plataforma Github¹⁶, por exemplo.

Este é o verdadeiro apelo dos métodos digitais: em vez de apenas descrever os procedimentos experimentais, é possível, agora, conceder acesso direto a eles. Em uma sequência de pesquisas digitais, nenhum passo está bloqueado, nenhuma transformação é irreversível, nenhum resultado está dado. Cada elemento na sequência é disponibilizado aos públicos e está aberto ao exame minucioso. Em um projeto de pesquisa que se dedica a investigar o digital, navegar pelos dados e navegar pela cadeia de processamento de dados é, no fim das contas, a mesma coisa (LATOURE; VENTURINI, p. 44-45, 2019).

Nascimento (2020) aponta para o fato de que a exemplo de outras áreas que estão incorporando o “digital” como subcampo, as ciências sociais estão experimentando um conjunto de desafios a partir de novos problemas epistemológicos em torno da maneira de definir a natureza e o próprio estatuto da digitalização do mundo e de suas práticas.

Aos poucos, os diferentes pesquisadores percebem que é preciso abrir espaço para discutirmos a interdisciplinaridade que o digital exige como objeto de estudo. Todos eles estão, neste momento, tendo que lidar com a inevitabilidade das tecnologias digitais em suas vidas e em suas práticas de pesquisa. Se o “hibridismo (...) – entre as pesquisas em humanidades e as tecnologias digitais – é o novo normal”, (ZAAGSMA, 2013, p. 17, tradução nossa) problemas comuns inevitavelmente nos conduzem para soluções compartilhadas. (NASCIMENTO, p. 50, 2020)

16 O GitHub é o maior repositório de dados compartilhado do mundo, com 28 milhões de usuários atualmente. É uma plataforma majoritariamente usada por desenvolvedores, pois permite uma hospedagem prática de código-fonte e arquivos em nuvem, além de disponibilizar diversos repositórios abertos feitos por interessados em determinada área.

Para os autores Bernhard Rieder e Theo Röhle (2019) não se trata apenas de discutir sobre os desafios inerentes aos métodos digitais, mas reconhecer os conhecimentos mobilizados pelas ferramentas digitais. Os autores nos convidam a questionar sobre o que pode significar “entender” uma técnica computacional questionando de que maneira estes métodos e ferramentas constituem o conhecimento gerado, apresentado e legitimado nas ciências sociais. Neste percurso, Rieder e Röhle defendem a necessidade de tornar realidade no domínio acadêmico “uma prática que oscila entre o trabalho técnico concreto e a reflexividade metodológica” (RIEDER & RÖHLE, 2019).

Se a metodologia digital é configurada para mudar a maneira como os estudiosos trabalham com seu material, como eles o “veem” e com ele interagem, uma questão iminente é como tais métodos afetam o modo como geramos, apresentamos e legitimamos o conhecimento nas humanidades e ciências sociais. De que maneira as propriedades técnicas dessas ferramentas são constitutivas do conhecimento gerado? Quais são as habilidades técnicas e intelectuais que precisamos dominar? O que significa ser um pesquisador na era digital? De modo geral, as respostas a essas questões dependem de quão bem somos capazes de acessar criticamente as transformações metodológicas que continuamente testemunhamos. (RIEDER & RÖHLE, p. 21, 2019)

As respostas a esses questionamentos só serão obtidas a partir de debates e ações práticas dentro da academia, que fomentem o desenvolvimento de novas habilidades técnicas em sociologia, tornando-se uma demanda já no presente e sobretudo no futuro do cientista social. Trata-se da necessidade de redesenhar as formas de produção e investigação sociológica de competência múltipla, tanto de domínio teórico-prático como aplicado também em ambientes propícios à experimentação, e, também, de enfatizar novos processos de aprendizagem e de estímulos inovadores à descoberta de conhecimento, ao ensino de pesquisa e à produção de conhecimento com menos consumo abstrato de teorias (BAUMGARTEN, M., TEIXEIRA, A. E LIMA, G., 2011). Não se trata de uma completa digitalização da sociologia, mas sim de incorporar novos modos de compreensão:

Eu costumo repetir em minhas turmas a impossibilidade de pesquisar os fenômenos contemporâneos associados às tecnologias digitais sem utilizar ferramentas digitais de pesquisa. Como geralmente ocorre em todo campo intelectual, isto é interpretado como se toda sociologia devesse se tornar sociologia digital. Obviamente que este não é o caso e eu não concordo com esta afirmação. Por outro lado, tendo a considerar indefensável o posicionamento de alguns pesquisadores que ativamente ignoram as tecnologias digitais de pesquisa e a inflexão em seus temas de pesquisa pelos fenômenos digitais. (NASCIMENTO, p. 57, 2020)

Os métodos digitais vieram para ficar e para ir além de reflexos simplistas de entusiasmo e rejeição – precisamos de engajar-nos na prática crítica, isto é, de modo consciente, refletir a quantidade absurda de conhecimento que temos a atulhar as nossas ferramentas (RIEDER & RÖHLE, 2019). Os sociólogos, portanto, necessitam de conhecimentos relacionados ao uso de aplicações adequadas para a coleta de dados online e programas para visualização e manipulação de dados, métricas e algoritmo (COBOS; SOUZA, 2021). Seria, portanto, a partir dos desafios trazidos por essa nova era que devem ser pensar as materialidades pedagógicas, com a introdução das tecnologias digitais no ensino sociológico, sendo, neste contexto, fundamental o ingresso da Sociologia Digital nas matrizes curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais, dada a urgente a necessidade de preparar os estudantes para serem reflexivos em relação à tecnologia (WYNN, 2009) e ao domínio prático dos novos métodos e instrumentos disponíveis em pesquisa social.

There are a series of challenges that come with the rise of new technologies, (...) Regarding teaching, the blurred boundaries between faculty and students is at once liberating and disconcerting. What about publishing findings in online venues? These issues indicate that the discipline needs to have a broad discussion on the effects of media and technology, and how we evaluate scholarly labor. (WYNN, 2009, p. 455)

3.2. MATERIALIDADES PEDAGÓGICAS

torna-se necessário que a Sociologia passe por uma reformulação profunda, caracterizada por uma aproximação mais simbiótica e intensa com a teoria e as aplicações da informação digital, viabilizando uma abordagem transdisciplinar do social e de suas metodologias de tratamento informacional. Essa reformulação não deve se ater apenas aos programas avançados de pós-graduação em Sociologia, mas deve se fazer presente na gênese da formação dos graduandos, as novas gerações de sociólogos, implicando novas integrações de conteúdos formativos e metodológicos em uma complexa aprendizagem investigativa. (BAUMGARTEN, M., TEIXEIRA, A. E LIMA, G., p. 418, 2011).

Se o estudo dos recentes fenômenos surgidos na era digital exige a incorporação de novos métodos e ferramentas, a apreensão dessas novas “competências técnicas” se torna uma tarefa fundamental para o ensino de sociologia. Nascimento (2020) defende a urgente necessidade do letramento digital dos estudantes de sociologia e destaca que uma alternativa para as sociólogas e sociólogos digitais talvez seja investir no desenvolvimento de habilidades computacionais incorporados ao próprio ofício da sociologia. Nesse sentido, pouco importaria a filiação ou inspiração teórica, o objeto ou tema de pesquisa, de acordo com o autor, para se

mover na sociologia digital o estudante deverá incorporar o manejo de tecnologias digitais voltadas para a pesquisa.

A partir de uma metáfora relacionado ao uso da bicicleta, o autor apresenta cinco níveis distintos da relação entre a sociologia e os métodos digitais. Seriam elas: percepção da utilidade, aprendizado inicial, aperfeiçoamento do uso, diversificação e criação (NASCIMENTO, 2020).

Imagine que em um dado momento da vida nós nunca havíamos visto uma bicicleta. Ou, se víssemos uma parada na rua ou mesmo em movimento, não saberíamos como ela poderia ser usada. (...) O mais fundamental e básico dos momentos em relação à bicicleta talvez seja **percebermos a utilidade** dela para brincar e passear e, também, podermos percorrer distâncias maiores rapidamente, transportar coisas pesadas e outras pessoas etc. (...) Após notarmos estas vantagens, o segundo momento – às vezes dramático – é a **necessidade de aprendermos** a “andar de bicicleta” e saber como controlar a direção, o equilíbrio, os pedais, os freios etc (...) Após o aprendizado, a terceira etapa consiste no momento em que **nos tornamos ciclistas experientes**. Aqueles que aprenderam a pedalar sabem que aos poucos vamos superando as dificuldades iniciais e ganhando confiança (,,) **Estas três fases (utilidade, aprendizado e aperfeiçoamento) são as mais comuns em que as pessoas costumam chegar em relação às bicicletas. Sabemos que este percurso ou desenvolvimento se aplica a toda e qualquer tecnologia**. Inicialmente temos uma percepção da utilidade de determinada tecnologia, em seguida, um aprendizado inicial e, por fim, um aperfeiçoamento do uso da ferramenta tecnológica. A questão é que este processo ternário não costuma se encerrar para alguns “usuários especiais”. Especialmente para aqueles tomados pela curiosidade e pela dúvida como costuma acontecer entre os cientistas. (...) Aos poucos, a complexidade do “uso especial” pode nos levar a escolher uma bicicleta de acordo com a tarefa a ser executada: uma bicicleta para ir ao mercado, outra para ciclismo de velocidade ou ainda uma terceira para praticar Mountain Bike. Podemos, com isso, adicionar um elemento ao nosso esquema anterior, denominando-o de **diversificação tecnológica**. (...) Imagine agora um quinto e último momento em que um ciclista mais especializado ainda se encontre inconformado com algumas limitações das diversas bicicletas disponíveis. (...) A complexidade das suas exigências gerou uma situação de domínio dos parâmetros tecnológicos do artefato, conduzindo a um último patamar que seria a **criação de sua própria bicicleta** (NASCIMENTO, 2020, p. 52, grifo do autor)

Através desta simples metáfora, Nascimento (2020) exprime as etapas que se aplicariam ao uso de métodos digitais na pesquisa em sociologia. Pois, inicialmente é necessário que os estudantes, pesquisadores e professores saibam da existência e reconheçam a utilidade das ferramentas disponíveis. Assim, será possível identificar as possibilidades e oportunidades surgidas, suscitando o interesse em desenvolver habilidades direcionadas ao uso de tais ferramentas. Posteriormente, é necessário investir no letramento digital dos estudantes, através de disciplinas específicas, capacitações, oficinas e congressos, disseminando a importância e relevância dos métodos digitais. Só assim irão surgir pesquisadores que dominem

profundamente o funcionamento das ferramentas e possam adquirir capacidades suficientes para desenvolver novas e mais eficientes maneiras de interpretar o mundo social.

Após o progressivo aprofundamento na(s) ferramenta(s) digitais e nos seus diversos usos em pesquisas, artigos e consultorias, aos poucos o pesquisador (...) começa a problematizar a forma como a arquitetura das ferramentas pode comprometer algumas análises. Seja porque, em softwares fechados, não temos acesso e/ou controle sobre os mecanismos de processamento dos dados, ou mesmo por conta de falhas internas de algumas versões disponíveis. Começa a ficar claro para ele os limites e as possibilidades de cada uma das ferramentas que utiliza. (...) Insatisfeitos com estes problemas, percebendo que “as tecnologias nascem de conflito, diferença ou resistência”, (BIJKER; LAW, 1992, p. 9) e que os softwares contêm, dentro deles, parâmetros ou configurações que sinalizam determinadas valorações e escolhas políticas, (WINNER, 2017) alguns pesquisadores podem começar a criar suas próprias ferramentas digitais de pesquisa. (NASCIMENTO, 2020, p. 53)

É evidente que os pacotes computacionais se desenvolveram enormemente nas últimas décadas, resultando no aumento de velocidade de processamento dos dados, no número de variáveis que pode ser empregado nos modelos e no tamanho das amostras de casos para análise e que esse movimento está revolucionando a análise nas ciências sociais (COLLARES, 2013), mas também é necessário ressaltar que

há uma deficiência considerável no ensino desses métodos de pesquisa nos cursos de sociologia do país, com algumas exceções. Me apoio para fazer essa afirmativa tanto na minha experiência pessoal quanto na experiência do sociólogo Ignacio Cano, expressa em artigo recente em que ele constata que “as ciências sociais brasileiras privilegiam a teoria em detrimento da pesquisa, promovendo um conhecimento antes erudito do que técnico” (Cano, 2012, p. 111) (...) A consequência mais imediata dessa realidade, segundo Ignacio Cano, é que essa “predominância da teoria sobre a prática milita contra a importância outorgada ao método no ensino de sociologia” (Cano 2012, p. 112). (COLLARES, p. 110, 2013).

Se de um lado a teoria prevalece sobre a prática no ensino de sociologia, de outro, para alguns autores (CRUZ JUNIOR, 2020; DWORKIN, et al., 2013; SELWYIN; FACER, 2014) a sociologia da educação parece não ter demonstrado interesse significativo na sociedade digital, além de apresentar carências em termos de conhecimento técnico para analisar os temas da área. Afonso (2021) afirma que há menos de uma década atrás, a sociedade digital, nomeada apenas como uma das dimensões da globalização, não fez parte da “seleção de questões significativas e emergentes” em sociologia da educação, pelo menos do ponto de vista dos membros do comitê especializado nesse campo, no âmbito da Associação Internacional de Sociologia.

Na verdade, as mudanças sociais, políticas, económicas e culturais não deixaram nunca de interpelar as ciências sociais e humanas, nomeadamente aquelas que refletem e pesquisam sobre a educação. Mas certamente não o fazem de forma sincrónica, nem da mesma maneira. Por exemplo, no que diz respeito à sociologia da educação, por comparação com outros subcampos da sociologia, foi mais tardia a assunção do digital como novo objeto de estudo, o que, segundo alguns autores, explica que a tecnologia educacional se tenha tornado “em si mesma, uma área importante de estudo educacional, com pouca ou nenhuma contribuição sociológica” (AFONSO, p. 3-4, 2021).

Diante de um crescente volume de dados resultantes da aplicação de tecnologias em múltiplos contextos, surgem novas possibilidades de modelagem, simulação e análise dos fenômenos na educação. Trata-se de uma alternativa cuja importância se eleva à medida que se afirmam preocupações de natureza estatística no âmbito de sistemas ensino, paralelamente ao estabelecimento de políticas de transparência e de acesso aberto aos dados educacionais, evitando que questões importantes em educação sejam deixadas à ação (ou decisão) dos algoritmos e plataformas digitais (CRUZ JUNIOR, 2020).

a Sociologia no Brasil, precisa reforçar em sua formação em metodologias informacionais tanto em nível de graduação como de pós-graduação, principalmente no que tange a utilização de bancos de dados gerais e específicos, pois o tratamento informacional e de tradução de problemas de pesquisa nessas bases, implica algum nível de conhecimento em procedimentos digitais básicos e de algoritmização de problemas sociais. (LIMA, p. 32, 2009).

Nesse sentido, a Sociologia Digital pode ser um importante chamado para a adoção de uma abordagem digital deliberada e proativa em relação a todos os aspectos do trabalho sociológico e por esse motivo deve fazer parte da formação dos pesquisadores. Isso envolve escrever e pesquisar os aspectos da vida social que também são de natureza digital. Por sua vez, isso implica questionar a relevância de métodos e teorias sociais familiares das eras “pré-digitais”, enquanto também se esforça para desenvolver novas formas de indagação, pensamento e conhecimento. Isso também significa buscar formas de comunicação e interação acadêmica digitalmente em rede que sejam abertamente acessíveis, compartilhadas e reconfiguráveis (SELWYN, 2019).

A superação de perspectivas deterministas e seus desdobramentos no âmbito das discussões sobre educação e tecnologias depende da busca e da construção de aportes teóricos adequados a esse desafio. Nesse contexto, a sociologia digital surge como uma das respostas à necessidade de amadurecer as bases da crítica em relação à sociedade da informação. (CRUZ JUNIOR, p. 1518, 2020)

As instituições de ensino devem buscar estratégias para compreender o seu lugar em meio aos novos cenários de vida social permeada por softwares, dispositivos e dados, ocasionando novos fenômenos na cultura digital, que só podem ser compreendidos enquanto processos móveis, flexíveis, fluidos e em rede (AFONSO, 2021). Uma “reformulação” da sociologia, portanto, vai muito além do aprendizado de novos métodos e técnicas, passando por uma virada cultural dentro da própria disciplina (NASCIMENTO, 2020).

Como membros de grupos sociais, as sociólogas e sociólogos precisam lidar, em suas próprias vidas, com as dores e as delícias das tecnologias digitais. O curto prazo da aparição do digital complica ainda mais a busca rumo a uma interpretação adequada das consequências sociais que ele provoca. Por fim, acredito que os fenômenos digitais constituem um “espaço de experiências” movido de processos sociais não planejados e que, por conseguinte, nos proporciona um “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006) nebuloso que, como cientistas sociais, nós precisamos enfrentar. (NASCIMENTO, p. 61, 2020)

Nesse sentido é importante refletir sobre o que está sendo feito para que os estudantes estejam preparados para lidar com os desafios e com as oportunidades que surgem diariamente aos sociólogos em formação, diante da inevitável onda tecnológica que invade nossas vidas? Que base possuem a maior parcela dos pesquisadores para debater tais implicações? O apelo à ampliação da imaginação metodológica talvez possibilite que os sociólogos desenvolvam uma forma “artesanal-digital” de ciência social, a partir do aprendizado de linguagens de programação e de arquitetura de software (NASCIMENTO, 2020), mas para isso é necessário começar a expandir esse movimento dentro da disciplina.

É evidente que os fenômenos de digitalização e dataficação são complexos e promovem mudanças profundas em todas as áreas do conhecimento, cujas adaptações estão em andamento em todos os segmentos. Porém, em paralelo, é necessário questionar se os rumos atuais refletem às necessidades dos estudantes, se as discussões da área correspondem aos anseios dos sociólogos para o futuro e se realmente uma “reformulação” da sociologia está em andamento.

Nesse sentido, a partir deste momento, o presente trabalho pretende apresentar o contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e através de entrevistas com mestrandos e doutorandos que tiveram contato com métodos digitais em pesquisa social, compreender como se deu essa relação no contexto da pós-graduação.

4 CONTEXTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA (PPGSP)

O Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da UFSC se vincula ao Departamento de Sociologia e Ciência Política. O Programa oferece os cursos de Mestrado e de Doutorado em Sociologia e Ciência Política, com áreas de concentração em Sociologia e em Ciência Política. Em 1978 foi criado o Mestrado em Ciências Sociais na UFSC, e em 1985 teve início o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, em nível de Mestrado e, em 1999, de Doutorado. Em 2019, entretanto, o PPGSP passou por uma reestruturação e desde então funciona no atual formato, com nova organização curricular e a criação de duas áreas de concentração. Atualmente¹⁷ o PPGSP conta com 94 pesquisadores, sendo 43 do mestrado, 47 do doutorado e 4 do pós-doutorado, que estão estruturados em seis linhas de pesquisa, que abrigam 15 núcleos e laboratórios, são elas: Ciência saúde e meio ambiente; Instituições, comportamento político e políticas públicas; Movimentos sociais, participação e democracia; Pensamento político e social; Representações Sociais e Produções Simbólicas; e Trabalho, Mercado, Estado e Sistema Financeiro. (UFSC, 2018). O PPGSP tem como objetivos:

a produção de conhecimento científico sobre a realidade sociopolítica e a contribuição para a consolidação e a renovação do campo da Sociologia e da Ciência Política no País; a formação de docentes e pesquisadore/as qualificado/as para atuar em ensino e pesquisa no Brasil e no exterior; a formação de profissionais que atuem em outros âmbitos do campo de trabalho da Sociologia e da Ciência Política além da academia, como a assessoria a órgãos e empresas públicos e privados, o apoio à elaboração de políticas públicas, a inserção em diferentes setores de pesquisa e de gestão; o estabelecimento de convênios e intercâmbios com instituições acadêmicas nacionais e internacionais, visando também à inserção internacional da Sociologia e da Ciência Política brasileiras. (UFSC, 2018, grifo do autor)

Em complemento, cabe mencionar que a Resolução Normativa nº. 154/2021/CUn – Regimento Geral da Pós-Graduação da UFSC, atualmente em vigor, que dispõe sobre a Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Federal de Santa Catarina, regulamenta que dentre os objetivos dos programas de pós-graduação da instituição:

¹⁷ Disponível em: < <https://ppgsp.posgrad.ufsc.br/>>. Acesso em: 24 set. 2022

Art. 1º A Pós-Graduação stricto sensu tem como objetivo a formação de pessoal de alto nível, comprometido com o avanço do conhecimento e da inovação, para o exercício do Ensino, da Pesquisa e Extensão acadêmicas, e de outras atividades profissionais. (...) § 3º O mestrado e o doutorado acadêmico enfatizam a formação científica, tecnológica e cultural ampla e aprofundada, desenvolvendo capacidade e autonomia para ensino, pesquisa e inovação nos diferentes ramos de conhecimento. § 4º O mestrado e o doutorado profissional enfatizam a competência técnica e tecnológica, contribuindo para a formação de profissionais qualificados para o exercício da prática profissional avançada e transformadora, visando atender demandas sociais, organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho. (UFSC, 2021, grifo do autor)

Assim, resta evidenciado que a o PPGSP, assim como a UFSC, enquanto instituição de ensino, versam em seus regimentos quanto ao compromisso com a inovação para o exercício da pesquisa e da formação científica qualificada. Cabe destacar, ainda, que a UFSC é considerada uma das melhores universidades do Brasil¹⁸ e da América Latina¹⁹, sendo, portanto, referência em pesquisa e ensino, não restando dúvidas quanto à sua relevância acadêmica a nível internacional.

4.1. MÉTODO DE PESQUISA

Para a presente pesquisa foram realizadas 04 (quatro) entrevistas semiestruturadas²⁰ com pesquisadores da pós-graduação, 02 (dois) do doutorado e 02 (dois) do mestrado. A procura pelos pesquisadores se deu através da indicação de professores, que por orientarem os estudantes em suas linhas de pesquisa, tinham conhecimento sobre as metodologias utilizadas por eles e, portanto, sabiam quem poderia se encaixar no público-alvo da pesquisa, o qual fosse pesquisadores do PPGSP que tiveram algum contato ou fizessem uso de métodos digitais em pesquisa social.

18 Disponível em: < <https://noticias.ufsc.br/tags/igc/> >. Acesso em 24 set, 2022

19 Disponível em: < https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2022/latin-america-university-rankings#!/page/0/length/25/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/undefined >. Acesso em 24 set, 2022

²⁰ O método de entrevista semiestruturada permite que o entrevistador se oriente por um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, mas que não necessariamente precise segui-lo rigorosamente. Isto é, a entrevista semiestruturada combina perguntas definidas com perguntas espontâneas, que surgem apenas no momento da entrevista, assim como ocorre em uma conversa informal, ficando livre para fazer perguntas adicionais, além das previamente definidas. Este método foi escolhido pois como não havia um parâmetro da profundidade de conhecimento de cada um dos entrevistados sobre o assunto, nesse sentido, um conjunto rígido de perguntas limitaria a interação com o entrevistado.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e outubro de 2022, mediante agendamento prévio e formalizadas em termo de consentimento livre e esclarecido²¹. Assim, foi utilizado um roteiro²² cujo objetivo era compreender a relação dos pesquisadores com o uso de métodos digitais em pesquisa social, ou seja, se haviam desenvolvido seus conhecimentos em métodos digitais durante a pós-graduação, se fazem uso de tais métodos em suas atuais linhas de pesquisa, se a aquisição de tais competências aconteceu dentro ou fora dos muros acadêmicos, dentre outras questões relacionados ao tema.

4.1.1. Entrevista 1

A entrevista com a pesquisadora 1 foi realizada via Google Meeting, em ambiente virtual e durou cerca de 20 minutos. A pesquisadora 1 é graduada em Ciências Sociais e informou que seu trabalho de conclusão de curso teve como objetivo interpretar a temática das bolhas de informação na internet, no período eleitoral, em específico sobre as mulheres pró e contra Jair Bolsonaro no Facebook. O tema surgiu, pois ela sempre teve interesse por tecnologia e pelo término da graduação confluir com a campanha eleitoral de 2018. Sua dissertação de mestrado então foi, de certa maneira, uma continuidade de linha de investigação, pois as discussões eram semelhantes.

A linha de investigação da dissertação de mestrado seguiu na mesma linha da do TCC em alguns sentidos e outros não. No meu TCC eu pensava em como as bolhas se formavam no Facebook. No mestrado eu quis pensar em como as pessoas que programam pensavam essas questões das bolhas e algoritmos. Meu mestrado então foi com programadores no campo da inteligência artificial “pra” entender como eles enxergavam isso. (...) Mas sim, minha linha de investigação teve continuidade pois muitas discussões eram as mesmas, como a relação entre humanos e tecnologia, como a gente, enquanto cientistas sociais, se posiciona sobre esses assuntos e como isso é pouco abordado de modo geral. (...) Ainda mais que existe uma crítica da literatura que é quando a gente (cientistas sociais) se engaja pelo assunto, a gente vai pelo viés dos efeitos da tecnologia, mas evita perguntar como as coisas são criadas, talvez justamente por não saber como fazer isso.

A pesquisadora 1 revelou que seu contato com métodos digitais se deu pelo fato de que no mestrado sua pesquisa a colocaria em contato com programadores e, portanto, aprender

²¹ Conforme Apêndice A.

²² Conforme Apêndice B.

um pouco de programação ajudaria a aproximá-la do contexto no qual estavam inseridos seu público-alvo. No entanto, ela afirma que não utilizou nenhum método digital em sua pesquisa.

Então, na verdade a metodologia utilizada na minha pesquisa foi a etnografia. O meu contato com métodos digitais foi que eu tentei no mestrado ter uma noção de programação, pois como eu iria realizar entrevistas em campo com programadores da área de inteligência artificial, eu achei que faria sentido ter maior domínio do assunto. Então fiz cursos introdutórios indicados por pessoas que conheci em campo, mas como a inteligência artificial não era uma coisa inicial, era mais avançado, não consegui dar continuidade no aprendizado. (...) De método digital não tive muita coisa na pós, o que eu fiz foi uma categorização de imagens no software Atlas.TI, mas não passou disso.

Quando questionada sobre a relevância dos métodos digitais para a pesquisa social, a pesquisadora 1 afirma que não acha que seja necessário, nesse momento, tornar o ensino de métodos digitais obrigatório na formação em sociologia, mas acha fundamental que mais pessoas tenham contato e entendam o que pode ser feito com essas ferramentas.

Pouquíssimos pesquisadores sabem fazer uso de métodos digitais por aqui, embora lá fora já seja algo bem mais estabelecido. Então minha resposta seria que para agora talvez não, mas para o futuro vai ser bem importante adquirir habilidades nesse sentido, sem dúvida. (...) Eu acho que isso assusta um pouco os alunos, mas é justamente pela distância que a gente tem desse tipo de conteúdo. Ninguém nos apresenta as possibilidades que existem. Eu mesma me proporia a desenvolver habilidades em métodos digitais, porque eu acho que faltam trabalhos que fazem isso.

A pesquisadora 1 ainda afirmou que durante o mestrado nenhum colega seu realizava pesquisa na área da tecnologia e conseqüentemente nenhum deles fazia uso de métodos digitais, o que impossibilitava as discussões sobre o assunto.

Não, inclusive eu me sentia bem deslocada pois eu era a única pesquisando tecnologia. E as discussões que eu queria ter eu não consegui na pós. No geral as pessoas nem tinham muito conhecimento sobre literatura de ciência e tecnologia, o que é muito estranho dentro desse contexto tão digitalizado em que a gente vive.

Por fim, a pesquisadora ressaltou a importância de que os professores também se atualizem e incentivem esse tipo de abordagem, para justamente aproximar os pesquisadores de novas formas de fazer pesquisa e “para que os próprios estudantes percebam que não é algo de outro mundo como elas pensam.”

4.1.2. Entrevista 2

A entrevista com o pesquisador 2 foi realizada via Google Meeting, em ambiente virtual e durou cerca de 25 minutos. O pesquisador 2 é graduado em Ciências Sociais e atualmente é mestrando no PPGSP. A sua atual linha de pesquisa não possui ligação com tecnologia. Seu contato com o uso de métodos digitais se deu a partir de participação em uma pesquisa realizada durante a graduação, em parceria com outra instituição de ensino, da qual pelo fato de a pesquisa ainda não ter sido divulgada, ele não pôde fornecer mais informações. De acordo com o pesquisador, tal pesquisa foi dividida para que os estudantes da outra instituição de ensino fizessem a coleta de dados, a partir de métodos digitais, ficando os pesquisadores do PPGSP da UFSC responsáveis pela análise dos dados.

Eu já tinha ouvido falar de métodos digitais em um seminário que vi no Youtube, mas nunca tinha tido nenhum contato ou sabia de alguém que fizesse uso desses métodos no curso de Ciências Sociais. (...) De fato eu não usei métodos digitais na pesquisa, pois, como falei, essa parte era responsabilidade da outra equipe, mas a gente teve uma oficina com o pessoal “pra” entender como seria feita a coleta dos dados e eu achei mega interessante. E, embora a pesquisa fosse voltada para a política, era nítido que as possibilidades eram muitas tanto “pra” antropologia, quanto para a sociologia

Desde então, o pesquisador procurou se informar mais sobre o assunto, através de cursos e oficinas que o colocassem em contato com as novas abordagens trazidas pelo digital, mas encontrou dificuldades:

Fiz um curso disponibilizado pela UFBA, e procurei mais alguns materiais didáticos “pra” tentar me aproximar do tema, mas é meio complicado, pois como alguns autores falam, é necessário um ‘letramento digital’ que, no meu caso, iniciava do zero. (...) Eu nunca tive uma relação muito próxima com tecnologia, sou meio ‘old school’ (risos), então o choque de realidade é um pouco maior.

Em relação a relevância dos métodos digitais para a pesquisa social, o pesquisador 2 afirmou que é necessário pensar a incorporação dessas novas ferramentas e técnicas já na formação dos estudantes de Ciências Sociais, pois considera que pesquisas em mídias digitais vão dominar o ambiente acadêmico muito em breve.

Sem dúvida é muito importante dominar técnicas digitais de coleta de dados, pois hoje em dia todo mundo “tá” no Instagram, no TikTok, no Youtube, no Instagram e a gente gostando ou não, o que “tá” acontecendo nesses ambientes é muito relevante para as ciências sociais. (...) Eu tenho um amigo que “tá” fazendo o doutorado em sociologia no Canadá, e ele comentou que a maioria das pesquisas são voltadas “pra” compreender o impacto que essas plataformas causam na nossa vida, ou seja, se já é uma realidade lá, sem dúvida vai ser uma realidade aqui muito em breve.

4.1.3. Entrevista 3

A entrevista com a pesquisadora 3 foi realizada via Google Meeting, em ambiente virtual e durou cerca de 35 minutos. A pesquisadora 3 é graduada em Ciências Sociais e atualmente é doutoranda no PPGSP. Em seu relato a doutoranda disse que seu contato com métodos digitais se deu por acaso durante a graduação. Em seu trabalho de conclusão de curso seu objetivo era realizar entrevistas com pessoas que se identificavam como anti-vacina. Ocorreu, no entanto, que pelo fato de a quarentena da COVID-19 impossibilitar os encontros físicos, a pesquisadora resolveu readequar a pesquisa e decidiu coletar postagens de grupos de Facebook que se denominavam anti-vacina.

No meu TCC eu fiz uma coleta de postagens de pessoas que se identificavam como anti-vacina em páginas do Facebook. Tentando entender como se articulavam esses discursos a partir da sociologia digital, proposta pela Deborah Lupton. Aí nesse contato que eu tive com a Lupton surgiu a curiosidade com a utilização de novos métodos de pesquisa, porque ela bate bastante nessa tecla. (...) Eu corri atrás de um software ‘pra’ ajudar na coleta e análise de dados e como eu não sabia como usar tive de dedicar um tempo ‘pra’ aprender por conta própria. (...) Mas também não me considero uma ‘expert’.

A pesquisadora destaca que trabalhar com o digital expandiu suas possibilidades em pesquisa, mas também exigiu um esforço próprio, já que no decorrer de sua formação não houve contato com tais métodos.

Aos poucos eu fui percebendo as possibilidades do digital e os desafios também, porque não é fácil (...) exige autodidatismo, paciência, ir atrás de congressos e pagando do próprio bolso, e as vezes é exaustivo (...) eu não tive isso em nenhuma aula, nem um tutor ou alguém que me orientasse, é tipo, se vira aí. (...) trabalhar com sociologia digital ‘pra’ mim foi um pouco isso.

Ao ser questionada sobre dar continuidade no aprendizado e na utilização de métodos digitais em suas pesquisas a pesquisadora afirmou que:

No doutorado me aprofundi em métodos de pesquisa na internet, pois o meu objeto exigia isso de mim. (...) Se você me perguntar se eu poderia fazer a pesquisa sem utilizar ‘web-archiving’, por exemplo, eu iria dizer que sim, é possível fazer de maneira manual, mas iria levar muito mais tempo e daria muito mais trabalho. (...) Eu sem dúvida pretendo seguir pesquisando temas relacionados a mídias digitais e a tecnologia. (...) Nós não podemos mais desconsiderar a força e o potencial que as implicações digitais têm na nossa vida.

Em relação ao ingresso do ensino de metodologias digitais nas matrizes curriculares dos cursos e nos programas de pós-graduação de Ciências Sociais a pesquisadora foi enfática e ressaltou a importância deste movimento dentro da disciplina.

Eu acho que tem que estar nos currículos. (...) Confesso que quando eu comecei o mestrado, eu esperava que eu fosse ter um contato um pouco mais relevante sobre métodos e técnicas de pesquisa na internet, por exemplo, mas não tive. (...) No doutorado não posso dizer, pois ainda está em andamento e eu 'tô' curiosa pra saber se vai ter algo, mas pra ser sincera, acho que também não vai ter não. (...) Então eu sou super a favor de uma renovação dos currículos nesse sentido, porque tem um mundo de coisas 'pra' gente explorar.

Quando questionada sobre o fato de que a utilização de métodos digitais ficará restrita apenas à pesquisadores que queiram trabalhar com a internet, mas que não necessariamente todos precisem apreender tais habilidades para realizar suas pesquisas, a pesquisadora afirmou que:

Eu acho que a maior diferença é que no passado as pesquisas com internet e tecnologia, no geral, eram um nicho dentro das ciências sociais. Ou seja, já existiam pessoas olhando 'pra' essa esfera das relações sociais em rede, mesmo que elas ainda não fossem tão significativas. Por outro lado, agora você tem pesquisas que discutem questões de gênero em jogos online, questões de política relacionada a influencers do Instagram, então meio que não é mais uma discussão de uma área específica da sociologia, mas de todas as áreas ao mesmo tempo. (...) Agora a gente também não pode exigir que todos os pesquisadores sejam experts em métodos digitais, até porque isso não vai acontecer. Mas precisa saber o que é, precisa ter algum contato, no mínimo isso.

4.1.4. Entrevista 4

A entrevista com o pesquisador 4 foi realizada via Google Meeting, em ambiente virtual e durou cerca de 30 minutos. O pesquisador 4 é graduado em Ciências Sociais e atualmente é mestrando no PPGSP. O pesquisador 4 informou que durante sua trajetória acadêmica não teve nenhum contato com métodos digitais até o último semestre da graduação, quando foi convidado para integrar um grupo de pesquisa que em parceria com outra universidade coletaria dados de uma rede social através de método digital.

Até aquele momento eu não havia ouvido falar de raspagem de dados ou de qualquer método que não fossem os mais tradicionais. Na graduação até tive disciplina que me colocou em contato com algum software, tipo o SPSS que a gente usa na Ciência Política, mas o que a gente 'tava' aprendendo ali era bem diferente.

O pesquisador ressaltou que não fez uso de métodos digitais no grupo de pesquisa, seu papel no grupo era o de analisar os dados coletados pela instituição de ensino parceira que promoveu uma oficina na qual demonstrou o método utilizado e quais seriam os objetivos da pesquisa. Embora não tenha de fato colocado em prática o uso de métodos digitais, o pesquisador alegou que seu contato com tal aprendizado ampliou suas possibilidades em pesquisa, e também ressaltou a questão geracional como um impeditivo de mais pesquisas em ambientes online.

Foi muito interessante abrir essa possibilidade de pesquisar algo no Twitter a partir das ferramentas que eles usavam, porque eu sempre usei muito o Twitter, mas nunca tinha pensado em fazer algo relacionado à pesquisa dentro dele. (...) Eu acho que é uma questão geracional também, porque como um professor meu que nunca teve contato com Twitter vai incentivar uma pesquisa lá?

No transcorrer da pós-graduação o pesquisador 4 alegou não ter tido nenhuma disciplina que o colocasse em contato com métodos digitais, o que ele considera um problema, mas também enxerga de maneira otimista.

Não tive nenhum aprendizado nesse sentido na pós também e acho isso problemático (...) Mas a gente também tem que entender que as coisas levam tempo, eu acho que esses fenômenos aconteceram muito rápido e é normal a academia demorar pra se adaptar (...) não tem como cobrar muito também, até por aquela questão geracional que eu falei antes, né (...) Mas eu acho que aos poucos isso vai evoluindo e eu acho também que essa demanda vai vir dos próprios estudantes em algum momento, a minha visão é otimista nesse sentido.

Por fim, o pesquisador afirmou considerar de suma importância a introdução de discussões que façam os estudantes refletirem sobre os temas relacionados à tecnologia e a importância de a sociologia estar atenta aos temas discutidos em ambientes digitais, mais até do que o ensino de métodos digitais em pesquisa:

Eu lembro que participei do grupo de pesquisa bem quando eu 'tava' terminando meu TCC, aí um dia por curiosidade eu acessei o repositório institucional e fui conferir os temas dos trabalhos da galera de sociais. E praticamente não tinha nenhum trabalho que o tema fosse de tecnologia ou de rede social, por exemplo. (...) E tipo assim, qual estudante da graduação não utiliza uma rede social? (...) Quantos assuntos não estão sendo discutidos nesses ambientes? (...) Por isso, mais importante do que ensinar a usar um método digital eu acho que é promover discussões que façam os estudantes, tanto da pós, quanto da graduação, a questionar essas coisas.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Inicialmente é preciso destacar, em relação à metodologia escolhida, quanto a dificuldade em encontrar estudantes da pós-graduação que tivessem tido contato com métodos digitais em pesquisa social dentro do PPGSP para a realização das entrevistas. Através de diversas trocas de e-mails alguns pós-graduandos e professores respondiam ao convite para a entrevista questionando: “mas o que seriam métodos digitais?”. Nesse sentido, a dificuldade de localizar pesquisadores que se encaixassem no público-alvo da pesquisa pode ser considerado um sintoma da ausência de discussões relacionadas à tecnologia e à métodos digitais dentro do PPGSP.

A partir das entrevistas coletadas, a primeira conclusão que fica evidente é a que nem todos os entrevistados, de fato, fazem ou fizeram uso de métodos digitais em pesquisa social. Na maioria dos casos, inclusive, o contato com métodos digitais se deu de maneira indireta, já que os pesquisadores 1, 2 e 4, alegaram não ter utilizado métodos digitais em suas pesquisas. Além disso, a via pelo qual o contato com métodos digitais ocorreu não se deu através do PPGSP em nenhum dos casos, tendo todos eles ocorrido durante a graduação, por fatores externos às matrizes curriculares, sendo que dois deles tiveram contato através da mesma pesquisa.

A partir dos relatos podemos inferir também que em um ambiente acadêmico que carece de debates que envolvam tecnologia, o resultado é pouco ou quase nenhuma pesquisa da pós-graduação esteja relacionada a este tema. É interessante, inclusive, mencionar o relato da pesquisadora 1, no qual ela afirma se “sentir deslocada” no mestrado já que nenhum dos colegas realizava pesquisas na área de tecnologia ou tinha algum conhecimento da literatura sobre o tema, o que impossibilitava discussões sobre sua dissertação com os demais.

Outrossim, o autodidatismo também foi tema recorrente entre os entrevistados. Embora os pesquisadores 2 e 4 tenham relatado ter participado de oficinas de aprendizado de métodos digitais durante grupos de pesquisa na graduação, todos os pesquisadores relataram não ter cursado disciplinas que envolvam metodologias digitais durante a pós-graduação, seja no mestrado ou no doutorado. Tal situação fez com que as pesquisadoras 1 e 3 tivessem que optar por cursos específicos, fora do ambiente acadêmico, para que pudessem adquirir competências digitais em relação aos seus objetos de pesquisa. A pesquisadora 3 relatou ainda

que a falta de orientação e os custos financeiros são alguns dos desafios dos estudantes que querem adquirir competências em métodos digitais.

Todos os pesquisadores ressaltaram a relevância do uso de métodos digitais em pesquisa social e o quanto essa prática amplia as possibilidades de pesquisa, mas também se demonstraram compreensivos com o fato de o aprendizado de métodos digitais não ser uma realidade tão próxima, tanto da graduação, quanto da pós-graduação em Ciências Sociais, pelo fato de o tema ser recente e ainda ser tratado como uma novidade dentro da academia. No entanto, os pesquisadores foram enfáticos ao alegar que as discussões que envolvam a tecnologia devem se tornar mais presentes dentro dos currículos do curso, dada a importância deste tema e sua centralidade em nosso cotidiano, ao ponto de o pesquisador 4 alegar que: “mais importante do que ensinar a usar um método digital eu acho que é promover discussões”.

É evidente, a partir da análise das entrevistas coletadas, que a relação dos pesquisadores entrevistados com o uso de métodos digitais em pesquisa social é superficial. Nenhum dos pesquisadores entrevistados domina profundamente o manejo de métodos digitais em pesquisa, tendo apenas uma das entrevistadas alegado que, de fato utiliza métodos digitais, embora não se considere uma “expert”. O pouco incentivo ao uso de tais métodos por parte do PPGSP traduz uma necessidade acadêmica de pesquisadores que ainda não tiveram contato com o tema, mas que em breve serão confrontados com pesquisas que envolvam o mundo digital, seja na academia ou seja no mercado de trabalho.

É necessário enfatizar que os entrevistados são aqueles que tiveram algum contato com método digital durante sua jornada acadêmica, seja ele qual fosse, ou seja, na grande maioria os demais estudantes da pós-graduação ou não tiveram nenhum contato ou sequer ouviram falar do tema.

Se utilizarmos a metáfora de Nascimento (2020) para avaliar em que nível de aprendizado estaríamos, ainda não saímos do primeiro nível, ou seja, ainda não há percepção da utilidade dos métodos digitais em pesquisa social. Enquanto estivermos neste nível, evidentemente não haverá pesquisas que tenham o digital como objeto, ou elas estarão presentes em quantidade reduzida dentro do programa de pós-graduação. Incentivar a introdução de novas metodologias e discussões relacionados à tecnologia é fundamental para a compreensão das sociedades contemporâneas e, a partir das entrevistas coletadas, percebemos que isto ainda não está ocorrendo.

6 Considerações finais

O objetivo deste trabalho era trazer reflexões sobre questões que envolvem o uso de métodos digitais na prática sociológica no contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina. Para tanto, o trabalho foi organizado de forma que se apresentasse o contexto no qual a transformação de um mundo ‘analógico’ para um mundo ‘digital’ alterou significativamente a forma como se dão as relações no mundo social, para posteriormente apresentar a Sociologia Digital que, enquanto subárea da sociologia, se propõem a promover as discussões neste novo contexto que tem como base o desenvolvimento tecnológico. Então, a partir de extensa revisão bibliográfica foram apresentadas as principais discussões da disciplina, cujos textos datam desde o início dos anos 2000, período no qual se intensificou o uso da internet. Posteriormente, foram apresentados os principais conceitos e novas abordagens propostas pelo uso de métodos digitais na práxis social, evidenciando ainda, a necessidade apontada por alguns autores, em introduzir os novos conceitos trazidos pelo digital nas materialidades pedagógicas nos cursos de graduação e pós-graduação de sociologia. Por fim, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com pesquisadores do PPGSP, o presente trabalho buscou compreender como se dava a relação dos estudantes com o uso de métodos digitais em pesquisa social na pós-graduação.

É necessário destacar que a pretensão do presente trabalho, muito mais do que trazer respostas, é colocar em pauta a importância de uma Sociologia Digital que prepare os estudantes para serem reflexivos em relação à tecnologia. Se o uso de métodos digitais ainda parece ser uma realidade distante da matriz curricular do programa de pós-graduação, é necessário iniciar com a introdução de autores que estejam discutindo a dimensão tecnológica dentro da sociologia, para que aos poucos os pesquisadores percebam a relevância do tema e desenvolvam o desejo de aprofundar seu conhecimento na área.

Após a realização das entrevistas e análise das respostas, verificou-se que os pesquisadores tiveram pouco ou nenhum contato direto com o uso de métodos digitais em pesquisa durante a pós-graduação. A dificuldade em encontrar estudantes que tenham tido contato com métodos digitais, o questionamento por parte de professores e estudantes sobre o que é um método digital, a constatação do pesquisador quanto aos poucos trabalhos de conclusão de curso tendo como tema o digital, a pesquisadora que não encontrou nenhum colega de mestrado para discutir literatura em tecnologia, são fatos que evidenciam uma enorme

ausência de discussão deste tema dentro do PPGSP, o que talvez seja o aspecto mais relevante revelado pelo presente trabalho.

Restou evidenciado que embora os estudantes tenham tido um contato superficial com os métodos digitais em pesquisa social, todos eles evidenciaram ter percebido a importância da aquisição de competências que lhes permitam utilizar ferramentas digitais no futuro, ampliando os horizontes de pesquisa pelos novos objetos descobertos pelo digital. Mais do que uma curiosidade, trata-se de uma necessidade emergente que deve não só ter ciência dos limites, mas também aproveitar criticamente a fluidez, o dinamismo e a amplitude do digital para romper barreiras e fortalecer o ensino de sociologia no presente e também no futuro.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Andrew. Reflections on the Future of Sociology. *Contemporary Sociology*, New York, v. 29, n. 2, 2000.

AFONSO, Almerindo Janela. Novos caminhos para a sociologia: tecnologias em educação e accountability digital. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 42, e250099, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/es.250099>

ASIMOV, Isaac. A última questão. O futuro começa amanhã, 1956.

BARABÁSI, Albert-László et al. Evolution of the Social Network of Scientific Collaborations. *Physica A*, 311. 2002. pág. 590-614.

BAUMGARTEN, M., TEIXEIRA, A. E LIMA, G. 2011. Sociedade e conhecimento: novas tecnologias e desafios para a produção de conhecimento nas Ciências Sociais. *Sociedade e Estado*. 22, 2, abr. 2011.

BOULLIER, Dominique. *Sociologie du numérique*. Paris: Armand Colin, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *Autoanálises de um sociólogo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

BUCHANAN, Mark. *Nexus: Small Worlds and the Groundbreaking Theory of Networks*. New York: W.W. Norton e Company, 2002.

CASTELLS, Manuel, *A Sociedade em Rede*. 11 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

CRUZ JUNIOR, G. Politizando o digital: contribuições para a crítica das relações entre educação e tecnologias. *REVISTA E-CURRICULUM (PUCSP)*, v. 18, p. 1509-1530, 2020.

DEGENNE, Alain e FORSÉ, Michel. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.

DI MAGGIO, Paul; HARGITTAI, E.; NEUMANN, W. Russel; ROBINSON, John. P. Social implications of the internet. *Annual Review of Sociology*. Vol. 27, p. 307-336, 2001.

FACIOLI, L.; PADILHA, F. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma análise das mídias digitais. *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 54, núm. 3, pp. 305-316, 2018.

GIMENES, L.F.S.; HUR, D.U. Sociedade analógica e sociedade digital: suas codificações e regimes de poder. *R. Technol. Soc.*, Curitiba, v. 16, n. 42, p. 227-242. jul/set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/11357>.

HORST, H.; MILLER, D. (Eds.). *Digital anthropology*. London: Bloomsbury Academic, p. 04-05, 2012.

JURGENSON, N. When Atoms Meet Bits: Social Media, the Mobile Web and Augmented Revolution. *Future Internet*, v. 4, n. 1, p. 83-91, 2012.

LAZER, David. et al. Computational Social Science. *Science*, v. 323. 2009. DOI: 10.1126/science.1167742.

LEMOS, André. Dataficação da vida. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, 21(2), p. 193-202, 2021. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

LOPES, Bárbara Eliza Vilela. *Computação ubíqua: limitações e desafios*. 2017. 65 f. Monografia (Graduação em Sistemas de Informação) – Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, João Monlevade, 2017.

LUPTON, Deborah. *Digital Sociology*. London: Routledge, 2015.

LUPTON, Deborah. Sociologia Digital: Para além do digital, rumo ao sociológico. *Prelúdios*, Salvador, v. 8, n. 8 p. 137-145, jul./dez. 2019.

MACKENZIE, DONALD; WAJCMAN, JUDY, eds. *The social shaping of technology*. 2nd ed., Open University Press, Buckingham, UK, 1999. ISBN 9780335199136.

MANYIKA, J.; CHUI, M. *Big Data: A Próxima Fronteira Para Inovação, Concorrência e Produtividade*, McKinsey Global Institute, maio 2011.

MARRES, Noortje. *Digital sociology: the reinvention of social research*. Malden: Polity Press, 2017.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia* Rio de Janeiro: Cosac & Naify, p. 183-314, 2003.

McQUIRE, S. A casa estranhada. *Revista do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ*, 14(1):2, 2011.

MISKOLCI, Richard. Sociologia digital: notas sobre a pesquisa na era da conectividade. *Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 06, n. 02, p. 275-297, 2016.

MISKOLCI, Richard.; BALIEIRO, Fernando. Sociologia digital: balanço provisório e desafios. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 06, n. 12, p. 132-156, Jan-Abr. de 2018.

MORENO, J. C. Do Analógico ao Digital: Como a digitalização afecta a produção, distribuição e consumo de informação, conhecimento e cultura na Sociedade em Rede. *Observatorio*, 2013. (OBS*), 7(4). <https://doi.org/10.15847/obsOBS742013695>.

NASCIMENTO, Leonardo. F. A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, n 41, jan/abr 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v18n41/1517-4522-soc-18-41-00216.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2022.

NASCIMENTO, Leonardo. F. Combinando webscraping em R e ATLAS.ti na pesquisa em ciências sociais: as possibilidades e desafios da sociologia digital. In: Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Brasília, 2017.

NASCIMENTO, Leonardo. F. Sociologia digital: uma breve introdução. Coleção Cibercultura. Salvador: EDUFBA, 2020.

OMENA, Janna Joceli. Métodos Digitais: teoria-prática-crítica. Coleção: Livros ICNOVA Ano de edição: 2019 ISBN: 978-972-9347-34-4 (Digital)

ORTON-JOHNSON, K.; PRIOR, N. (Eds.). Digital sociology: critical perspectives. London: Palgrave Macmillan, 2013.

PAVESI, P. P., & VALENTIM, J. Ciências Sociais Computacionais: um novo paradigma para as Ciências Sociais? Simbiótica. Revista Eletrônica, 8(4), p. 1–16, 2021. <https://doi.org/10.47456/simbitica.v8i4.37344>.

PEREIRA, Vanessa Andrade, « Entre games e folgações: apontamentos de uma antropóloga na lan house », Etnográfica [Online], vol. 11, 2007.

RABELLO, E. T.; GOUVEIA, F. C. Métodos digitais nos estudos em saúde: Mapeando usos e propondo sentidos. In. Métodos Digitais: teoria-prática-crítica. Coleção: Livros ICNOVA. Ano de edição: 2019 ISBN: 978-972-9347-34-4 (Digital).

RIEDER & RÖHLE. Métodos Digitais: dos desafios à bildung. In. Métodos Digitais: teoria-prática-crítica. Coleção: Livros ICNOVA. Ano de edição: 2019 ISBN: 978-972-9347-34-4 (Digital).

ROGERS, Richard. Digital Methods. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

LIMA, Gilson. A dupla competência sociológica: sociologia e informática nas ciências sociais brasileiras – uma rápida discussão dos resultados da pesquisa realizada. In Ciência em Movimento | Ano XI | Nº 22 | 2009/2.

SANTOS, Harlon Romariz Rabelo. O papel da Sociologia na era do Big Data. Blog Observare: 2020. Disponível em: <https://observare.slg.br/papel-da-sociologia-na-era-do-big-data/>

SAVAGE, M.; BURROWS, R. The Coming Crisis of Empirical Sociology. *Sociology*, v. 41, n. 5, 1 out. 2007.

SELWYN, N.; FACER, K. The sociology of education and digital technology: past, present and future. *Oxford Review of Education*, v. 40, n. 4, p. 482-496, 2014. <https://doi.org/10.1080/03054985.2014.933005>.

SELWYN, Neil. *What is digital sociology?* Cambridge: Polity Press, 2019.

SIBILIA, P., & GALINDO, M. A. Correndo para não perder nada: Temporalidade ansiosa e a frustração do (i)limitado. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, 21(2), p. 203-213, 2021. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39950>.

UFSC, 2018. Disponível em: < <https://ppgsp.posgrad.ufsc.br/>>. Acesso em: 24 set. 2022. Sem autor: Apresentação.

VAN DIJCK, J. *The platform society*. Berlin: Alexander von Humboldt Institut für Internet und Gesellschaft, 2016. 1 vídeo (83 min). Publicado pelo canal Alexander von Humboldt Institut für Internet und Gesellschaft. Disponível em: <https://bit.ly/2zvf7tk>. Acesso em: 7 dez. 2017.

VENTURINI, T., BOUNEGRU, L., GRAY, J., & ROGERS, R. A reality check(list) for digital methods. *New Media & Society*, (forthcoming), 2018. 146144481876923. <http://doi.org/10.1177/146144481876923>.

WATTS, Duncan J. *Six Degrees. The Science of a Connected Age*. New York: W. W. Norton & Company, 2003. _____. *Small Worlds. The dynamics of Networks between Order and Randomness*. New Jersey: Princetown University Press, 1999.

WELLMAN, Barry. *Physical Place and CyberPlace: The Rise of Personalized Networking*. Fevereiro de 2001.

WYNN, J. R. *Digital Sociology: Emergent Technologies in the Field and the Classroom*. *Sociological Forum*, v. 24, n. 2, p. 448–456, 2009.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. Nova York, Public Affairs, 2019.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PESQUISADORES DO PPGSP DA UFSC

Apresentação: Boa tarde, sou Bruno, estudante do curso de Ciências Sociais na UFSC, e esta entrevista é parte do meu trabalho de conclusão de curso. Minha pesquisa busca compreender a relação dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da UFSC com o uso de métodos digitais em pesquisa social. A entrevista não tem o intuito de avaliar o nível de conhecimento técnico do pesquisador em relação ao uso de tais métodos, mas sim compreender como se dá essa relação em termos de contato, desenvolvimento de habilidades e uso de ferramentas digitais em pesquisa social. Se você estiver de acordo, podemos começar.

1. Atualmente você é estudante do mestrado ou do doutorado?
 - 1.1. Se mestrado: qual foi seu tema de trabalho de conclusão de curso e qual o tema de sua dissertação do mestrado?
 - 1.2. Se doutorado: qual foi seu tema de trabalho de conclusão de curso, qual foi seu tema de dissertação do mestrado e qual sua atual tese de doutorado?
2. Conte quando e como ocorreu seu primeiro contato com métodos digitais?
3. Na sua interpretação, qual a definição de “método digital”?
4. Em sua atual linha de pesquisa, você utiliza algum tipo de método digital?
5. Após o primeiro contato, em que momento de sua vida acadêmica você adquiriu competências para o uso de métodos digitais em pesquisa?
6. Você se considera preparado para utilizar métodos digitais em uma pesquisa?
7. Você considera o domínio de habilidades em métodos digitais uma importante competência para pesquisadores sociais?
8. Você acha que há incentivo para que os mestrandos/doutorandos desenvolvam competências em métodos digitais durante a pós-graduação?

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais

Eu, _____, RG _____, depois de compreender os objetivos da pesquisa intitulada “O uso de métodos digitais na prática sociológica e o contexto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina”, declaro estar ciente e AUTORIZO que o pesquisador Bruno Figueredo Viegas realize a gravação da entrevista, sem custos financeiros a nenhuma parte. Esta autorização foi concedida mediante o compromisso do pesquisador acima citado em garantir-me os seguintes direitos:

Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada, bem como, publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;

Minha identificação não será relevada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;

Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;

Os dados coletados serão armazenados por 5 (cinco) anos, sob responsabilidade do pesquisador Bruno Figueredo Viegas, e após esse período, serão destruídos e;

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Florianópolis, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do participante da pesquisa